

# BOLETIM CONTEXTO

— Julho 2017 —

Nº 41 - ISSN 2178-583X



## ENTREVISTAS



*Grauben Assis*

*Roberta Lemos*

*Maria Wang*

*Felipe Leite*

## RESENHAS DE ARTIGOS

- Efeitos de consequências culturais no autocontrole ético
- Serendipidade, metacontingência e práticas supersticiosas
- Expressando valores na clínica analítico-comportamental
- Expansão e isolamento da Análise do Comportamento com a fundação do JEAB

E MAIS

## Diretoria ABPMC Gestão 2017-2018

**Presidente** Felipe Lustosa Leite

**Vice-presidente** Liane Jorge de Souza Dahás

**Primeira Secretária** Renata da Conceição Silva Pinheiro

**Segunda secretária** Luana Flor Tavares Hamilton

**Primeira Tesoureira** Patrícia Moura Araújo

**Segundo Tesoureiro** Bernardo Dutra Rodrigues

## Conselho Consultivo

Jan Luiz Leonardi

Hélder Lima Gusso

Ariene Coelho

Marcela Ortolan

Kellen Laryssa Lima

Denise de Lima Villas Boas

## Membros Permanentes do Conselho Consultivo

Bernard Pimentel Rangé

Denis Roberto Zamignani

Hélio José Guilhardi

Roberto Alves Banaco

Maria Zilah Brandão

Wander Pereira da Silva

Maria Martha Hubner

Claudia Kami Bastos Oshiro

João Ilo Coelho Barbosa

Isaías Pessotti

João Claudio Todorov

Denis Roberto Zamignani

## Secretária Executiva

Natacha Mendes de Moura

## Comissão de Publicação e Editorial

**Presidente** Angelo A. S. Sampaio

**Secretários** Hernando B. Neves Filho

Luiz Alexandre B. de Freitas

Paulo C. M. Mayer

## Editor-chefe da RBTCC

Paulo Roberto Abreu

## Colaboradores

Barbara Vasconcelos Cavalcante

Gabriel P. B. Gonçalves

Victor Hugo de Souza

# SUMÁRIO

07 | Destaques dos mais de 20 anos do Boletim Contexto

## RESENHA DE ARTIGO

08 | Efeitos de consequências culturais no autocontrole ético

## RESENHA DE ARTIGO

11 | Serendipidade, metacontingência e práticas supersticiosas

## RESENHA DE ARTIGO

13 | Expressando valores na clínica analítico-comportamental

## RESENHA DE ARTIGO

16 | Expansão e isolamento da Análise do Comportamento com a fundação do JEAB

## RESENHA DE ARTIGO

18 | Equívocos da revista Veja sobre Skinner e a Análise do Comportamento

## ENTREVISTA

22 | **Grauben Assis** fala sobre a criação da pós-graduação em Análise do Comportamento em Belém e a passagem de Sidman pelo Brasil

## ENTREVISTA

29 | **Roberta Lemos** fala da sua história e atuação como Analista do Comportamento em Políticas Públicas

## ENTREVISTA

36 | **Maria Wang** conta sua trajetória como jornalista e analista do comportamento

## ENTREVISTA

44 | **Felipe Leite**, presidente da ABPMC, fala sobre formação e inovação em Análise do Comportamento

## RESENHA DE LIVRO

56 | A depressão como fenômeno cultural na sociedade pós-moderna. Parte 1: um ensaio analítico comportamental dos nossos tempos

## Editorial

É com imenso prazer que colocamos no ar esse volume do Boletim Contexto com a compilações dos materiais publicados entre maio e julho de 2017. O Boletim hoje é publicado em formato de blog no link <https://boletimcontexto.wordpress.com/>. Esse formato permitiu uma divulgação fluída, rápida e constante de material para nossa comunidade com baixo custo. Temos tido boa receptividade e temos buscado publicar resenhas de artigos e livros, entrevistas e comunicações de divulgação que interessam à nossa comunidade, além de dar espaço de divulgação para nossas instituições afiliadas.

Esse volume compilado conta com cinco resenhas de artigos. O primeiro relata os achados do artigo *Effects of cultural consequences on the*

*interlocking behavioral contingencies of ethical self-control*, de Aécio Borba, Emmanuel Tourinho e Sigrid Glenn, publicado no *Psychological Record*. Este texto resenha um experimento focado em autocontrole ético, o qual enfatiza conflitos de contingências que produzem consequências mais favoráveis ao indivíduo e ao grupo, contribuindo para a produção de conhecimento sobre arranjos de grupo em sociedades modernas, nas quais tais conflitos de interesse são comuns, o que pode levar a produção de tecnologia de planejamento cultural para lidar com tais conflitos. No tempo que estive na UFPA tive o prazer de trabalhar como Aécio e o Emmanuel (e demais membros do grupo de pesquisa) em arranjos experimentais deste modelo, nos

quais produzimos dados bastante interessantes. O relatado neste artigo é referente a um dos experimentos da tese de doutorado do Aécio Borba.

A segunda resenha cobre o artigo *Investigação Experimental em Metacontingências e Práticas Supersticiosas: um caminho para estudos mais complexos*, de Rodrigo Caldas e Maria Amália Andery. Neste estudo os autores revisam experimentos em Análise Comportamental da Cultura, discutindo alguns achados sob a ótica de se analisar a ocorrência de práticas supersticiosas em tais experimentos. O estudo mostra a importância de se debruçar novamente sobre dados experimentais para encontrar novas relações que talvez tenham passado despercebido previamente.

O próximo artigo resenhado, *Valores sob a perspectiva analítico-comportamental: da teoria à prática clínica*, de Daniel Assaz, Joana Vartanian, Alan Aranha, Claudia Oshiro e Sonia Meyer, os autores fazem um levantamento e discussão sobre como entendemos a noção de “valores”, termo que é bastante usado no senso comum para lidar com causação do comportamento e com frequência tende a virar demanda clínica (ainda mais quando são observados conflitos de valores). Os autores dão ênfase à discussão de valores no contexto clínico e suas implicações para a prática do terapeuta.

Na sequência temos o artigo *A Fundação do JEAB e o Isolamento Histórico da Análise do Comportamento*, de Robson Cruz, autor que já vem recebendo reconhecimento pelo seu trabalho

de pesquisa histórica em Análise do Comportamento e neste texto avalia as relações da expansão da Análise do Comportamento com o referido periódico, levantando hipóteses do seu possível envolvimento na visão de isolamento da nossa área em relação a outros campos.

Por fim, também consta neste volume uma resenha do artigo *(Im)posturas jornalísticas: incompreensões da revista Veja sobre B. F. Skinner*, de Marcos Azoubel e Gabriella Abbud. Estes autores realizaram pesquisa documental em cima do que foi publicado na revista *Veja* sobre Análise do Comportamento, analisando números desde sua fundação. Os autores realizam análise crítica dos achados e dão modelo para que outros analistas do comportamento possam realizar pesquisa documental

em cima de materiais de divulgação ao público leigo e que pode dar luz à como a população em geral vê nossa área.

Quanto às entrevistas, o presente volume conta com Grauben Assis falando sobre a criação do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento em Belém e a passagem de Murray Sidman pelo Brasil. Roberta Lemos fala da sua história e atuação como Analista do Comportamento voltada para atuação em políticas públicas. Maria Wang conta sua trajetória como jornalista e analista do comportamento e possibilidades de intersecção entre estes campos. E por fim, Felipe Leite, presidente da ABPMC, fala sobre formação e inovação em Análise do Comportamento no Brasil.

Finalmente, temos também uma resenha do livro *A depressão como fenômeno cultural na sociedade pós-moderna. Parte 1: um ensaio analítico comportamental dos nossos tempos*, com link disponível para download, de autoria de Yara Nico, Jan Luiz Leonardi e Larissa Zeggio. Esta resenha foi escrita pelo professor Renato Almeida Molina, a convite do Boletim Contexto. A obra traz uma análise heurística de contingências culturais que impactam o desenvolvimento do chamado Transtorno Depressivo Maior, particularmente focando os efeitos de modelos de sociedade capitalistas, industrializadas, com alto desenvolvimento tecnológico, alta demanda por produtividade, valores preocupados com

imagem e uma visão de homem pautada no individualismo e no que Norbert Elias chama de *homo clausus*, o homem enclausurado em si mesmo, tendo esta referência do indivíduo isolado como alicerce do nosso modelo de sociedade e identificação da “causa” dos feitos do homem.

O andamento do Boletim Contexto é fruto do trabalho da Comissão de Publicação e Editorial da ABPMC, coordenada pelo Prof. Angelo A. S. Sampaio, da UNIVASF. O Boletim Contexto vem sendo tocado por Luiz Alexandre B. de Freitas, da UFMT, com colaboração de Bárbara V. Cavalcante da UFC-Sobral, Gabriel P. B. Gonçalves da UEL e Victor Hugo

de Souza da UFMT, além do restante da equipe da Comissão, Paulo César Morales Mayer da UNIOESTE e Hernando Borges Neves Filho da UFPA. Sem o árduo trabalho desse equipe esse trabalho não seria possível e deixo um agradecimento a todos eles em nome da atual diretoria executiva da ABPMC. O excelente trabalho deste grupo contribui para que o conhecimento analítico-comportamental se difunda pela comunidade brasileira e assim possibilitando maior disseminação da área.

### **Aproveitem a leitura!**

Felipe Lustosa Leite

*Presidente da ABPMC 2017-2018*

## ***Destaques dos mais de 20 anos do Boletim Contexto***

---

O Boletim Contexto, periódico informativo da ABPMC, é publicado desde 1993. Todos os números estão disponíveis gratuitamente em formato digital no portal da ABPMC. Agora, um breve histórico e alguns destaques desses mais de 20 anos de publicação estão listados em documento elaborado pela Comissão de Publicação e Editorial. Separamos a seguir uma amostra desse documento, elencando alguns textos dos primeiros números do Boletim Contexto que nos lembram momentos da história da análise do comportamento no Brasil ou que ainda são bastante atuais.

### **Boletim Contexto 1 (março de 1993):**

– Prestação de contas sobre o I Encontro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, ocorrido no Rio em 1992 com 170 participantes; comentários sobre a preparação para o II Encontro, em São Paulo.

### **Boletim Contexto 2 (agosto de 1993):**

– Texto de Eliane Falcone (UERJ): “Terapias cognitivo-comportamental e behaviorista radical: são diferentes?”

### **Boletim Contexto 4 (junho de 1994):**

– Relato sobre o II Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, que contou com 551 participantes de 74 cidades de 14 estados.

### **Boletim Contexto 5 (março de 1995):**

– Texto de Brenna H. Bry (Rutgers – The State University): “B.F. Skinner para Terapeutas Comportamentais”

### **Boletim Contexto 7 (maio de 1995):**

– Trecho de artigo de J. Staddon (1973) sobre variáveis de contexto

– Texto de Bernstein: “A busca de uma análise funcional do comportamento de terapeutas comportamentais”

Acesso o documento completo [aqui](#).

## *Efeitos de consequências culturais no autocontrole ético*

*Bárbara Vasconcelos Cavalcante*

Publicado online na revista *The Psychological Record*, o artigo *Effects of cultural consequences on the interlocking behavioral contingencies of ethical self-control*, de Aécio Borba, Emmanuel Tourinho e Sigrid Glenn, traz um experimento com universitários acerca de como as consequências culturais podem

influenciar diante da escolha entre comportamentos concorrentes de benefício individual a curto prazo ou benéficos para a sociedade a longo prazo, sendo a escolha da última opção caracterizada como um exemplo de “autocontrole ético” (*ethical self-control*).

Para Tourinho e Vichi, em 2012 (citados em Borba, Tourinho, & Glenn, 2017), o autocontrole ético traz maior complexidade ao fenômeno cultural na medida em que há um conflito entre contingências, pois o comportamento operante capaz de produzir consequências culturais benéficas à sociedade requer que o indivíduo abra mão de reforços de maior magnitude ou mesmo encare condições aversivas.

O experimento contou ainda com duas manipulações visando a identificação de variáveis que influenciem no aumento ou diminuição da probabilidade de recorrência de

contingências entrelaçadas: o uso de consequências de naturezas diferentes e a substituição progressiva de participantes.

Borba, Tourinho e Glenn (2017) apresentam um procedimento para investigar a seleção de contingências comportamentais entrelaçadas (CCEs) por um produto agregado que requer respostas de autocontrole ético, investigando a seleção dessas CCEs por consequências culturais de natureza diferente das consequências individuais em situações onde produzir uma consequência cultural compete com a produção de consequências individuais.

Para tanto, 36 estudantes universitários foram divididos em duas microculturas com 19 e 17 participantes, onde três estudantes participavam de uma sequência de atividades, sendo que, a cada 20 ciclos, um participante era substituído.



Os participantes eram postos diante de uma matriz 10×10 onde as linhas eram marcadas com números de 1 a 10 e as colunas com letras de A a H. As linhas possuíam cores alternadas, com duas colunas de cada cor entre cinco (amarelo, verde, vermelho, azul e roxo). Cada cor possuía uma linha par e uma ímpar, e cada célula da matriz possuía um círculo sólido ou aberto.

Em cada sequência de atividades, um participante escolhia uma linha e o experimentador escolhia uma coluna, resultando em

***“o autocontrole ético traz maior complexidade ao fenômeno cultural na medida em que há um conflito entre contingências”***

uma célula com círculo sólido ou aberto. O participante então recebia fichas de acordo com o número da linha escolhida, sendo 3 fichas para número ímpar e 1 ficha para número par. Ao fim da sequência, o participante poderia trocar suas fichas por pequenas quantias de dinheiro. As microculturas eram expostas a quatro condições diferentes. Na primeira condição, apenas as contingências operantes acima descritas produziam resultados. Na segunda condição, a escolha de três linhas pares de diferentes cores produzia três marcadores numa folha de doação, cada marcador correspondendo a um item escolar a ser doado no final do estudo. Na terceira e quarta condições, os participantes eram expostos a condições análogas à primeira e a segunda respectivamente, desta vez sem instruções quanto as contingências em vigor, apenas com um feedback ao fim de cada ciclo explicitando se eles haviam ou não produzido itens escolares.

Para produzir as consequências culturais (a doação) era necessário que os participantes abrissem mão de um maior ganho de dinheiro com a escolha de números pares, e também coordenassem seus comportamentos de forma a garantir a escolha de linhas com cores diferentes das que seus colegas escolheram. Por esta concorrência de contingências, o entrelaçamento sob controle da consequência cultural pode ser considerado de autocontrole ético.

Quanto aos resultados do experimento, em ambas as microculturas o aparecimento de CCEs aumentou após a primeira exposição à metacontingência (segunda condição). Os resultados também sugerem que uma exposição contínua à metacontingência, alternando com a retirada da mesma (durante a terceira condição), pode aumentar a probabilidade de recorrência das CCEs. Além disso, diante da remoção da consequência

cultural, o comportamento coordenado persistiu mais do que os comportamentos operantes, estando de acordo com outros estudos citados no artigo quanto à dificuldade de se extinguir CCEs quando estas foram selecionadas. Algo que facilita esta extinção, no entanto, são as trocas de gerações, diminuindo a probabilidade de recorrência sem a consequência cultural.

Para os autores, compreender as circunstâncias em que contingências culturais podem ser efetivas em produzir comportamentos entrelaçados de autocontrole é relevante para o desenvolvimento de tecnologias sociais que favoreçam consequências culturais benéficas para a sociedade em detrimento de consequências individuais. O trabalho experimental descrito com o uso de matrizes também favorece a abordagem de concorrência entre metacontingências e contingências operantes a partir da manipulação

***“compreender as circunstâncias em que contingências culturais podem ser efetivas em produzir comportamentos entrelaçados de autocontrole é relevante para o desenvolvimento de tecnologias sociais que favoreçam consequências culturais benéficas para a sociedade”***

de diferentes parâmetros, como o tempo de exposição às metacontingências, a duração das gerações e a magnitude das consequências produzidas pelo comportamento individual e/ou coordenado.

Também foi observado que os participantes instruíam seus colegas, puniam através de sanções éticas as respostas impulsivas e forneciam reforço social ao longo das gerações de participantes. Estas consequências não programadas podem ter desempenhado um importante papel para a seleção do comportamento sob contingências entrelaçadas. Os pesquisadores sugerem que futuros estudos manipulem as consequências verbais e não-verbais contingentes às CCEs planejadas ou a respostas individuais.

Um resumo de:

Borba, A., Tourinho, E. Z., & Glenn, S. S. (2017). Effects of Cultural Consequences on the Interlocking Behavioral Contingencies of Ethical Self-Control. *The Psychological Record*, 1-13.

## *Serendipidade, metacontingência e práticas supersticiosas*

*Gabriel Paes de Barros Gonçalves*

Experimentos são planejados de modo a evidenciar relações de dependência entre eventos, sendo que tais relações costumam ser minimamente previstas por quem produz a pesquisa. No entanto, como “a ciência é um processo contínuo e, muitas vezes, desordenado e acidental” (Skinner, 1972/1956, citado por Caldas e Andery, 2016),

os procedimentos eventualmente levam a descobertas e indícios para além do objetivo principal da pesquisa, levando a achados ao acaso. A esse fenômeno é dado o nome *serendipidade*. É com o objetivo de apresentar um estudo com achados imprevistos que Caldas e Andery (2016) apresentam dados e discutem práticas supersticiosas em *Investigação Experimental em Metacontingências e Práticas Supersticiosas: um caminho para estudos mais complexos*.

Os dados do referido estudo são provenientes de pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa de Análise do Comportamento e Cultura (GEPACC) da PUC-SP. Eles utilizaram o modelo Meta, que se trata de um protocolo experimental que possibilita o estudo da seleção de contingências comportamentais entrelaçadas em diferentes condições. O entrelaçamento era possível por meio de um jogo de computador em que dois participantes jogavam

por vez, na mesma sala, mas em computadores diferente, e podiam produzir *pontos* sozinhos (consequências individuais) e *bônus* juntos (consequências culturais). Foram 10 participantes ao total.

A cada rodada o jogo libera quatro números, de 0 a 9, para cada participante. Abaixo dos números liberados, os participantes dispõem de quatro quadrados em que eles inserem outros quatro números. Para produzirem pontos, a soma de um número inserido com o número liberado acima dele deveria ser ímpar. Já os *bônus* eram produzidos quando a soma dos números inseridos pelo participante mais antigo da díade era menor ou igual à do outro participante. O jogo não fornecia nenhuma soma, mas os participantes tinham, na tela de seu próprio jogo, uma janela que mostrava o jogo do outro participante, possibilitando que eles efetuassem a soma, e também podiam conversar entre si durante o experimento.

O estudo teve quatro fases. Os 10 participantes compuseram o mesmo grupo, mas participaram de diferentes etapas do estudo. Dois participantes passaram pela primeira fase, cujo objetivo foi selecionar respostas que produzissem pontos individuais. Na fase seguinte, além de poderem produzir pontos individuais, os participantes poderiam ganhar um *bônus* se houvesse uma coordenação específica entre seus comportamentos. Na terceira fase empregaram-se as chamadas trocas de geração, nas quais o jogo se encerrava para um participante e outro passava a jogar no lugar dele. Dessa forma, todos os 10 participantes passaram pelo experimento em díades. Apenas a última geração passou pela última fase, na qual independente do entrelaçamento do comportamento dos participantes, eles não produziam *bônus* (extinção).

Caldas e Andery mostram que, desde o primeiro até o último participante, as respostas que produziam pontos tiveram alta

frequência e se mantiveram estáveis ao longo do estudo. A produção de *bônus*, por outro lado, foi assimétrica para sete, das 10 gerações. Embora as gerações 4, 5 e 6 tenham alcançado o critério estabelecido na pesquisa, a assimetria na produção de *bônus* nas gerações seguintes não evidenciam o efeito do *bônus* sobre o entrelaçamento no comportamento dos participantes, isto é, não se pode inferir a seleção da metacontingência.

Os participantes, no entanto, apresentaram um padrão sistemático para além da contingência programada. Além de produzirem pontos, a soma dos números inseridos era igual à soma dos números liberados, soma que não aparecia na tela e nem foi critério em nenhuma condição. Eventualmente esse padrão produzia *bônus*, quando coincidia de a soma do participante mais antigo ser menor ou igual à do mais novo da díade. Com isso, observam os autores, não só respostas de produzir pontos foram selecionadas, mas um

padrão supersticioso selecionado acidentalmente, descrito acima, prevaleceu no grupo por meio de sua transmissão entre gerações, bem como regras supersticiosas que descreviam o padrão para a produção de *bônus*.

Os achados desse estudo, ainda que acidentais, abrem possibilidades para o estudo de padrões supersticiosos recorrentes em práticas culturais. A formulação e transmissão de regras que compõem padrões como esses podem ser investigadas em procedimentos mais complexos que reproduzam mais precisamente o ambiente natural.

Um resumo de:

Caldas, R. A. & Andery, M. A. P. A. (2016). Investigação experimental em metacontingências e práticas supersticiosas: um caminho para estudos mais complexos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(3), 4-16.

## *Expressando valores na clínica analítico-comportamental*

*Bárbara Vasconcelos Cavalcante*

Na Análise do Comportamento, discussões sobre o papel dos valores têm se dividido entre sua inserção no sistema ético skinneriano e no contexto clínico. Dentro do segundo grupo, Assaz et al. (2016) fazem um apanhado teórico sobre a temática e suas implicações em contextos clínicos.

Skinner buscou interpretar os fenômenos psicológicos tendo em vista as interações históricas entre o organismo e o ambiente. O comportamento de valorar (a expressão de valores, o julgamento ou o juízo de valor) também está sujeito às condições que o antecedem. Sua emissão ocorre com frequência através de juízos de valor sobre eventos, estando sob controle não apenas do evento, mas também do contexto e dos efeitos que este evento têm sobre o comportamento do sujeito.

Percebemos também que a audiência diante da qual expressam-se valores, produz reforçadores ou punições sociais para determinadas respostas, compondo um controle contextual que pode levar o indivíduo a gerar atos distorcidos. Assim, o sujeito passa a manifestar valores diferentes para audiências diferentes. Ainda que o estímulo discriminativo (o evento) seja o mesmo.

“Uma pessoa pode afirmar, por exemplo, valorizar a preservação do meio-ambiente diante de membros de uma ONG ambientalista, mas não dizer o mesmo quando está sozinho ou em uma entrevista de emprego para uma empresa de poluentes.” (p. 33)

Para Assaz et al. (2016), outro fator que influencia a expressão de valores são as variáveis motivacionais, ou operações estabelecedoras. As operações estabelecedoras alteram a efetividade de uma consequência, seja intensificando seu efeito reforçador ou punitivo, aumentando ou diminuindo a probabilidade de o comportamento se repetir. A presença destas variáveis pode, por exemplo, aumentar a intensidade de um estímulo reforçador associado a comportamento X em detrimento de outros que levariam a comportamento Y.

“Uma pessoa que está experienciando dor intensa provavelmente afirmará valorizar sua saúde corporal e bem-estar;

valores como ‘preservação do meio ambiente’ ou ‘reconhecimento profissional’ dificilmente aparecerão nesse momento; elas serão mais prováveis quando a dor passar.’” (p. 34)

Além das variáveis contextuais e operações estabelecidas, as relações simbólicas que compõem nosso comportamento verbal influenciam indiretamente no estabelecimento de novos valores, ainda que o aprendizado direto tenha se dado apenas em situações específicas. Este processo integra a *Teoria das Molduras Relacionais\**. O aprendizado de um valor, digamos a preservação do meio ambiente, forma uma rede relacional de estímulos por suas relações simbólicas com outras expressões de valores. Preservar o meio ambiente está relacionado a “não causar danos ao meio ambiente” (relação de oposição), “a reciclagem ajuda a preservar o meio

ambiente” (relação de causalidade). Assim, atitudes que causem dano ao meio ambiente, como o desmatamento ou a emissão de gás carbônico, serão aversivas para o sujeito e se tornarão menos prováveis, e atitudes que envolvem reciclagem serão mais prováveis.

No contexto clínico, a expressão de valores pode ser usada pelo terapeuta para revelar o efeito reforçador de estímulos sobre o comportamento do indivíduo. Um cliente

***“as relações simbólicas que compõem nosso comportamento verbal influenciam indiretamente no estabelecimento de novos valores”***

que afirma ter como um valor o desenvolvimento do seu filho pode estar indicando que sinais deste desenvolvimento são fortes consequências reforçadoras de seus comportamentos. No entanto, ao considerarmos as variáveis motivacionais e contextuais, podemos descobrir outros determinantes desta expressão e direcionar a intervenção para um caminho mais assertivo.

A presença do terapeuta faz parte do contexto em que a expressão de valores acontece, sendo necessário investigar qual o efeito que ele produz sobre o comportamento do cliente. Para Assaz et al. (2016), proporcionar um ambiente de escuta, entendimento e ajuda permite que o cliente discrimine a interação com o terapeuta como uma interação social não punitiva, minimizando a influência da aprovação do terapeuta sob a emissão de valores. Assim, o controle por reforçadores

**“A presença do terapeuta faz parte do contexto em que a expressão de valores acontece, sendo necessário investigar qual o efeito que ele produz sobre o comportamento do cliente.”**

personais do cliente terá mais intensidade sobre seu comportamento verbal. Variáveis motivacionais de curto prazo também podem mascarar valores no momento da terapia devido à mudança na intensidade de reforçadores, mudança esta que pode não se manter por muito tempo.

Por fim, a compreensão das redes relacionais pode ser um mecanismo de mudança, na

medida em que nos permite relacionar valores e comportamentos através de suas relações simbólicas, possibilitando mudanças comportamentais futuras por meio da transformação de função de estímulos relacionados.

Basear nossas práticas num arcabouço teórico consistente, abrangendo a complexidade de fenômenos com os quais nos deparamos enquanto profissionais, nos possibilita expandir e aperfeiçoar nossas intervenções. No caso da expressão de valores, a identificação de variáveis contextuais, reforçadoras e motivacionais, bem como o reconhecimento das redes relacionais de estímulos, possibilita-nos clareza quanto ao estabelecimento de valores e suas conexões com os comportamentos do indivíduo. Podemos também modificar a função de estímulos através de relações estabelecidas verbalmente e, consequentemente, podemos modificar também o comportamento do indivíduo.

Um resumo de:

Assaz, D. A., Vartanian, J. F., Aranha, A. S., Os-  
hiro, C. K. B. & Meyer, S. B. (2016). *Valores  
sob a perspectiva analítico-comportamental:  
da teoria à prática clínica.*, 18(3), 30-40.

\* Para mais informações sobre a Teoria das  
Molduras Relacionais, sugerimos:

Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovak, R., Fidal-  
go, A. P., Leonardi, J. L. (2013). Intro-  
dução à teoria das molduras relaciona-  
is (Relational Frame Theory): principais  
conceitos, achados experimentais e pos-  
sibilidades de aplicação. *Perspectivas em  
Análise do Comportamento*, 4, 32-50.

## *Expansão e isolamento da Análise do Comportamento com a fundação do JEAB*

*Gabriel Paes de Barros Gonçalves*

Foi criado, em 1957, o primeiro periódico especializado da Análise do Comportamento, o *Journal of Experimental Analysis of Behavior* (JEAB). Sua criação denota um cenário de expansão institucional e científica da área, mas também um episódio representativo do

isolamento da Análise do Comportamento na comunidade científica. É com o objetivo de fazer um exame histórico da expansão da Análise do Comportamento, evidenciado pela criação do periódico, relacionando-o ao isolamento da área que Cruz (2016) traz parte de sua tese de doutorado no artigo *A Fundação do JEAB e o Isolamento Histórico da Análise do Comportamento*.

Nas primeiras décadas da Análise do Comportamento, a psicologia experimental estadunidense prezava por uma metodologia que envolvesse teste de hipóteses, comparação entre grupos com muitos sujeitos experimentais e testes estatísticos. Apesar de Skinner, como fundador da Análise do Comportamento, obter crescente reconhecimento científico, os adeptos de sua proposta encontravam entraves acadêmicos por utilizarem, em suas pesquisas, delineamento experimental de sujeito único, contrapondo-se à tradição experimental estadunidense.

Diversas pesquisas dos adeptos da Análise do Comportamento, até então chamados de condicionadores operantes, foram recusadas com duras críticas por periódicos de grande prestígio na época, como o *Journal of Comparative and Physiological Psychology* (JCPP). Na tentativa de sobreviver enquanto comunidade científica, grandes esforços foram feitos por parte dos condicionadores operantes. Nesse período houve, por exemplo, a primeira conferência de análise experimental do comportamento; a criação de um currículo baseado em *O Comportamento dos Organismos*, primeiro livro do Skinner, publicado em 1938; e também o primeiro livro-texto baseado no primeiro livro do Skinner.

A criação do JEAB, conta Cruz (2016), se deu nesse contexto de dificuldade de divulgação da área, principalmente por conta da rejeição do delineamento experimental de sujeito único. Em reuniões informais nos intervalos de congressos, analistas experimentais do



comportamento compartilhavam as dificuldades pelas quais passavam na área acadêmica. O sentimento de rejeição por parte da comunidade científica também era compartilhado entre eles. Em um desses encontros, no dia 12 de Abril de 1957, foi fundado o JEAB.

A rejeição das pesquisas dos analistas experimentais do comportamento na comunidade científica teve efeito também na organização do JEAB. Dois grupos discordavam a respeito de parte das diretrizes do periódico: um grupo defendia a abertura do JEAB para pesquisas de outras perspectivas teórico-metodológicas, enquanto outro grupo, mais ortodoxo, defendia a restrição a pesquisas que se utilizavam o delineamento experimental de sujeito único ou que abordassem temas de maior interesse da área, o último prevaleceu enquanto diretriz.

As restrições do JEAB, como aponta Lindsey (citado por Cruz, 2016), se constituíram como

parte do motivo da criação, em 1968, de um novo periódico que acolhesse pesquisas aplicadas: o *Journal of Applied Behavior Analysis* (-JABA). Ambos os periódicos tiveram aumento no número de assinaturas e de autores nas décadas de 1960 e 1970. Entretanto, ao invés de a criação de um meio de divulgação da área aplicada fortalecer o diálogo entre analistas experimentais e aplicados do comportamento, o sentimento de isolamento intra-comunidade analítico comportamental continuou crescente nas décadas seguintes.

Essa tendência de isolamento exemplificada com a criação do JEAB também afetou a relação da Análise do Comportamento com o restante da psicologia. Krantz (1971, 1972) verificou uma baixa frequência de citações do JEAB em outros periódicos, mas uma alta frequência de autocitações na revista, entre 1958 e 1969, fortalecendo a tese do isolamento da área. Contudo, Coleman e Mehlman (1992) sugerem que esse isolamento da

área pode ter sido resultado de fatores como autossuficiência intradisciplinar, consenso interno e convergência teórica e metodológica entre analistas do comportamento.

O isolamento da Análise do Comportamento é um caso na história da ciência, entre outros. Cruz (2016) apresenta características peculiares na história da área que vão para além da mera curiosidade histórica, podendo suscitar debates sobre a estrutura organizacional da comunidade científica, e abre espaço ainda para debates a respeito do efeito que essa história tem no presente.

Um resumo de:

Cruz, Robson Nascimento da. (2016). A Fundação do JEAB e o Isolamento Histórico da Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), e32315. Epub May 18, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e323215>

## *Equívocos da revista Veja sobre Skinner e a Análise do Comportamento*

*Victor Hugo de Souza*

A Análise do Comportamento e o Behaviorismo Radical foram e continuam sendo objetos de críticas infundadas e incompreensões, tanto na comunidade acadêmica de Psicologia quanto pelo público em geral. Analistas do comportamento recorrentemente realizam pesquisas para averiguar tais críticas e

incompreensões e demonstram o esforço da comunidade analítico-comportamental em desmistificar os enganos e desacordos fundados em má compreensão que se veiculam em diversos ambientes. Tais incompreensões ou (im)posturas são encontradas inclusive em livros didáticos das áreas de Educação e Psicologia (Gioia, 2001; Rodrigues, 2005) e contribuem para construir barreiras para difusão da ciência do comportamento e suas tecnologias (Miraldo, 1985).

Pesquisadores como Morris (1985) também levantaram a questão da importância da mídia para difusão de informações acerca da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, destacando a necessidade de a comunidade analítico-comportamental atentar para a visão que a sociedade tem acerca da área a partir do que é veiculado nos meios de comunicação. O próprio Skinner procurou manter diálogo com o público externo à comunidade acadêmica de Psicologia

através dos meios de comunicação como nos artigos escritos para jornais e revistas populares (Rutherford, 2004).

No Brasil, Skinner concedeu por duas vezes entrevista à revista *Veja*, em 1974 e em 1983. Tal revista se destaca como meio de comunicação de massa por ser a revista semanal mais vendida do país e exerce impacto considerável na formação de opinião pública entre brasileiros (Benetti, 2007).

Dada sua importância e a relevância desse tipo de levantamento, Azoubel e Abbud (2017) buscaram identificar o que foi publicado na Revista *Veja*, desde sua fundação, acerca da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical e avaliar criticamente o conteúdo encontrado. Para isso, utilizaram o acervo digital da revista que contém todas as publicações desde sua fundação em 1968. Nele foram pesquisados os termos “Skinner”, “Behaviorismo” e “Análise do

Comportamento”. Após aplicarem os critérios de exclusão, restaram 12 ocorrências que foram enfim analisadas pelos autores.

Das 12 ocorrências encontradas, 11 continham incompreensões. Para análise, as incompreensões foram divididas em duas categorias: (a) Incompreensões Históricas, que remetem aos equívocos em informações sobre a história do Behaviorismo e da Análise do Comportamento e suas propostas, além de distorção de fatos e (b) Incompreensões Conceituais, que se referem a erros na definição de princípios e conceitos da ciência da filosofia em questão.

Quanto às incompreensões históricas, vale destacar que em nenhuma das ocorrências em que o termo “behaviorismo” foi encontrado houve a distinção entre os diferentes behaviorismos que surgiram na comunidade científica. Apesar de autores da área (Smith,

1986), em geral, considerarem a existência de pelo menos quatro grandes expoentes de behaviorismos diferentes, a saber, Watson, Tolman, Hull e Skinner.

Outros equívocos e **incompreensões históricas** se referem ao trabalho de Skinner ter corroborado para surgimento de práticas de lavagem cerebral; a Skinner ser um psicanalista fundador do behaviorismo; a sua obra ter sido reavaliada depois de terem cometido excessos como isolamento de uma das filhas do próprio behaviorista para fins de pesquisa; a Skinner ter, de alguma forma, colaborado para desenvolvimento de práticas coercitivas e técnicas de punição que seriam usadas para controle de pessoas em presídios; à teoria skinneriana do ensino da linguagem ter sido derrubada pelo linguista Noam Chomsky; ao trabalho de Skinner ter confirmado, através de seus métodos, intuições que Freud havia feito muito

antes; ao behaviorismo skinneriano não ter apresentado nenhuma visão de excelência para o homem; a Skinner ter sido o primeiro a sugerir uso de tecnologias para educação; e, por fim, à prática de Skinner utilizar ratos para demonstrar sua teoria.

Quanto às **incompreensões conceituais** foram encontrados principalmente erros nas definições de comportamento, reforço positivo e reforço negativo. Os demais erros conceituais apontados pelos autores foram a afirmação de que Skinner teria descoberto a importância da *atitude de apoio* (?) dentro da aprendizagem e do condicionamento; a definição de comportamento como “resultado de aptidões genéticas que poderiam ser desenvolvidas ou atrofiadas por estímulos ambientais”; a descrição dos objetivos de Skinner como modificar o comportamento através de recompensas e punições, ou ainda, em outra edição, como “se deter na

realidade observável dos transtornos e seus tratamentos”; a afirmação de que o reflexo condicionado pela máquina de ensinar estimularia o aprendizado; a definição de comportamento operante como “hábito produzido por uma ação estranha à natureza do animal (o rato aperta botão para comer)”.

Boa parte das incompreensões encontradas relaciona a Análise do Comportamento ao uso de técnicas de controle aversivo do comportamento por meio de coerção e punições. Isso acontece a despeito do fato de Skinner ter empreendido no sentido oposto, de denunciar os efeitos deletérios desse tipo de prática nas relações humanas, posicionando-se incisivamente contra e apresentando alternativas éticas viáveis (Skinner, 1990).

No entanto, nem toda crítica à Análise do Comportamento remete a compreensões

errôneas de suas propostas. Algumas delas, como relata o próprio Skinner (1953), provém de desacordos epistemológicos e ontológicos, como a concepção de ser humano livre amplamente difundida na sociedade ocidental. Outras críticas têm cunho político, como a de Winett e Winkler (1972) e Holland (1978) que acusam práticas de analistas do comportamento de corroborar para manutenção do *status quo* nas instituições escolares e na sociedade em geral, respectivamente.

Para finalizar, indica-se a aplicação dos conhecimentos produzidos pelos próprios analistas do comportamento para compreender e intervir de forma eficaz na produção e difusão de informações acerca da teoria e suas propostas. Aconselha-se aqui a utilização de blogs e principalmente de redes sociais para publicação de materiais coerentes com as

propostas e contribuições que a área tem a oferecer, lembrando sempre de buscar formas para facilitar a comunicação através do uso de linguagem acessível ao público em geral. Em ambientes acadêmicos, é preciso também incentivar a interlocução entre analistas do comportamento e as demais áreas afins através de publicações de trabalhos analítico-comportamentais em periódicos e eventos acadêmico-científicos diversos. Isso pode ajudar na difusão de informações menos estereotipadas e reduzir os preconceitos e a resistência que a área tem enfrentado.

Um resumo de:

Azoubel, M. S., & Abbud, G. M. (2017). (Im)posturas jornalísticas: incompreensões da revista *Veja* sobre B F Skinner. *Temas em Psicologia*, 25(1), 181-192.

## REFERÊNCIAS

- Benetti, M. (2007). A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. *Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 35-45.
- Gioia, P., S. (2001). A abordagem behaviorista radical transmitida pelo livro de psicologia direcionado à formação de professores (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil).
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(1), 163-174.
- Miraldo, C. M. V. (1985). *Conhecimento e crenças de estudantes de Psicologia acerca da Análise Experimental do Comportamento* (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil).
- Morris, E. K. (1985). Public information, dissemination, and behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 8(1), 95-110.
- Rodrigues, M. E. (2005). *A contribuição do Behaviorismo Radical para a formação de professores – Uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002* (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil).
- Rutherford, A. (2004). A “visible scientist”: BF Skinner’s writings for the popular press. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(2), 109- 120. doi:10.1080/15021149.2004.11434237
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1990). The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5, 98-106.
- Smith, L. D. (1986). *Behaviorism and logical positivism: A reassessment of the alliance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Winett, R. A., & Winkler, R. C. (1972). Current behavior modification in the classroom: Be still, be quiet, be docile. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 5(4), 499-504.



ENTREVISTA

## Grauben Assis

*Grauben Assis fala sobre a criação da pós-graduação em Análise do Comportamento em Belém e a passagem de Sidman pelo Brasil*

Em entrevista realizada pelo colaborador Pedro Felipe dos Reis Soares, aluno do *Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC)*, o professor Dr. Grauben José Alves de Assis conta um pouco de sua trajetória na Análise do Comportamento e fala sobre o futuro da área em pesquisa e aplicação. Grauben Assis é Mestre e Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, e professor titular no *Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento*, da Universidade Federal do Pará.

### 1. Quando e como foi o seu interesse inicial por Análise do Comportamento?

Após concluir minha graduação em Psicologia no Recife, vim para Belém trabalhar numa empresa estatal, o SERPRO na área organizacional, onde fiquei um ano e meio. Em seguida, na Universidade Federal do Pará, eu conheci vários colegas dessa área e comecei a debater, planejar e participar de disciplinas

com ensino individualizado, além de ter acesso a literatura da Análise do Comportamento. Meu interesse era mais prático, na área do planejamento educacional, em programas de ensino e capacitação de profissionais nas áreas técnicas. Ou seja, meu comportamento foi sendo modelado por esses colegas, conhecedores da área, estavam iniciando a pesquisa aqui na UFPA, instalando equipamentos, etc., um deles com formação em universidade americana.

### 2. Quais foram os eventos que contribuíram para o seu interesse específico por controle de estímulos?

A Análise do Comportamento tem apresentado o *controle por estímulos* enquanto uma área importante porque envolve o estudo de como as variáveis presentes no ambiente afetam o comportamento. Características sutis do *controle por estímulos* podem ser relevantes e pesquisas sobre *controle por estímulos* têm

revelado resultados promissores no que diz respeito às possibilidades de atuação do analista do comportamento, como na alfabetização e na clínica. Inúmeras variáveis de procedimentos de ensino discriminativo têm sido investigadas pelos pesquisadores nessa área: *fading*; modelagem do estímulo; o atraso de dicas; uso de *prompts* verbais; controle condicional; sobreposição de estímulos; a disposição espacial dos estímulos; a ordem, a organização e a natureza dos estímulos etc. Portanto, a literatura era e continua vasta e meu interesse foi por meio do acesso dessa literatura, mas teve a influência de minha orientadora que trabalhava nessa área. Na época que iniciei o mestrado na Universidade de São Paulo (onde também fiz meu doutorado algum tempo depois), as reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Psicologia eram o espaço que unificava a maioria dos pesquisadores na área da Análise do Comportamento, embora, paralelamente,

existissem as reuniões da Associação de Modificação do Comportamento (AMC), e aqui é importante deixar registrado que essa entidade já produzia uma publicação muito boa: os Cadernos de Análise do Comportamento. Esse evento da AMC era menor, ocorria na cidade de São Paulo, originária da atual ABPMC (Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental). Nesse evento da AMC apresentei meus primeiros dados da dissertação sobre a comparação dos procedimentos de ensino de cadeias comportamentais para frente (*forward*) e para trás (*backward*) com humanos. Nesse estudo foram utilizadas formas não representacionais, cores, sinais e letras e os participantes eram iletrados. Ou seja, eu continuava focado na prática educacional. Claro que eu tenho sempre como ferramenta conceitual, as contingências de reforçamento estabelecidas pela comunidade verbal e o behaviorismo radical.

### 3. Qual foi o impacto do estágio pós-doutoral no *Rehabilitation Institute* na *Southern Illinois University at Carbondale* sobre o seu trabalho?

Meu estágio foi conduzido com o Dr. Anthony Cuvo. Nessa instituição tive a oportunidade de conhecer várias pesquisas aplicadas sendo conduzidas com crianças diagnosticadas com autismo. Um dado importante foi o acesso à biblioteca com uma vasta literatura na área e o contato com os demais pesquisadores. Um trabalho teórico foi produzido posteriormente (publicado na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, editada pela ABPMC) e mostrava com clareza duas diferentes metodologias: aquela focada no controle por estímulos e uma outra focada no estabelecimento e manutenção dos operantes verbais. Após meu retorno a Belém, eu continuei investigando as variáveis de procedimentos de ensino com

um foco no controle por estímulos verbais e na elaboração de procedimentos que dessem conta da compreensão da leitura e da escrita, afastando-me da pesquisa mais básica para aplicada.

#### 4. Como foi o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC)? Houve dificuldades por estarem longe dos demais centros de formação em Análise do Comportamento?

No início sim, no final dos anos de 1980, não havia internet e nem acesso às principais bibliotecas do país, além de uma infraestrutura insuficiente. O PPGTPC, idealizado pelo Prof. José Carlos Simões Fontes com foco inicial na formação em nível de mestrado, começou com poucos doutores, mas gradativamente se expandiu em número de doutores e na qualificação de pesquisadores, duas áreas de

concentração que se mantem até os dias atuais. O Prof. Emmanuel Tourinho teve um papel importante no estabelecimento do doutorado no PPGTPC. Inicialmente esse programa apresentava um foco na pesquisa básica, mais acadêmica, onde a maioria dos seus doutores tinha formação qualificada. Agora, temos um foco mais aplicado, especialmente com autismo e pessoas com necessidade educacionais especiais. Tivemos alguns pesquisadores estrangeiros visitantes, entre eles o Prof. Murray Sidman e o Prof. Steven Hayes. Inclusive, na sua passagem por Belém no final dos anos 1980, o Prof. Sidman fez um comentário marcante sobre os estudos que estávamos efetuando sobre aquisição de cadeias comportamentais: “Vocês precisam olhar para os acertos, para o que está reforçando o comportamento do sujeito e tornando isso relevante”. Este comentário provocou uma guinada de 180° na nossa pesquisa e análise de dados, pois a literatura tradicional nos levava a focar

a análise nos erros. O programa também investiu muito em convidar docentes de outras instituições nacionais para participarem das bancas de defesa, fortalecendo o intercâmbio acadêmico. Atualmente há um projeto de uma pós-doutoranda em curso cujo objetivo é mapear o histórico do desenvolvimento do PPGTPC por meio de seus muitos colaboradores. Agora em 2017 completamos 30 anos!

#### 5. Você encontrou dificuldades para fazer pesquisas investigando as relações ordinais e equivalência de estímulos em termos de publicação e de formação de pesquisadores? Quais?

No meu doutorado, no início dos anos 1990 eu havia planejado estabelecer uma relação entre os estudos sobre encadeamento de respostas verbais e o paradigma de equivalência de estímulos sequenciais (uma extensão do paradigma de equivalência de estímulos



– Sidman, 1994). O modelo apresentado pela Dra. Gina Green, Stromer e Mackay (1993) descrevia as propriedades relacionais de classes ordinais. Meu problema era um software que permitisse inserir os estímulos e programar as contingências de ensino e testes necessários para registrar com precisão as respostas dos humanos, mas não foi possível naquele momento. Meu trabalho de tese foi publicado na *Acta Comportamentalia* (1996), mas, com ênfase no controle contextual e no ensino de discriminações condicionais de palavras. Alguns anos depois, a produção cresceu com esse tema e publiquei vários dados nos periódicos brasileiros. Orientei vários bolsistas de iniciação científica, mestrados e doutorandos na investigação das variáveis responsáveis pela formação de classes ordinais/sintáticas, avançando muito na compreensão da leitura e produção de sentenças (classes sintáticas).

## 6. Uma parte considerável da sua pesquisa sobre controle de estímulos e relações ordinais foi realizada com pessoas com necessidades especiais (por exemplo, surdos, pessoas com deficiência intelectual e com paralisia cerebral). O que motivou o seu trabalho com esta população?

Primeiro eu vejo o controle por estímulos como um problema de pesquisa, especialmente se olharmos os estímulos verbais. Estímulos verbais que alteram a função de outros estímulos. Estímulos exercendo e compartilhando múltiplas funções (discriminativa, reforçadora, eliciadora, por equivalência). A noção de *controle por estímulos* pode ser aplicada a comportamentos novos, derivados de contingências que estabelecem a produção de sequências, nas quais a ordem tem uma importante função e os estudos relatam a compreensão de como repertórios

sob controle da ordem são estabelecidos e mantidos. Pessoas que apresentam limitações de controle de estímulos precisam de um suporte educacional qualificado para expandir suas interações sociais, ou ainda reverter o controle restrito de estímulos, para sobreviver num ambiente verbal cada vez mais complexo e em constante mudança. Por exemplo, uma criança que está aprendendo a falar terá suas vocalizações reforçadas diferencialmente e, portanto, modeladas, em função do ajuste das mesmas à sequência de sons definidos por sua comunidade verbal. Quando ela começar a aprender a contar/subtrair/multiplicar/dividir deverá responder à sequência dos números. Nesse caso, a *propriedade relacional de ordem* é uma importante variável para que uma sentença possa ter um efeito sobre o ouvinte. A demanda social dessa população é muito forte e a academia precisa atender a essa demanda, contribuir com a pesquisa por meio

de novos procedimentos de ensino, usando a informática, por exemplo. As universidades brasileiras já estão fazendo isso, temos centros de excelência com tradição nessa área.

### 7. Dentro da área de controle de estímulos, qual subárea você considera mais promissora?

A área de controle por estímulos envolve estudos básicos, organizados em laboratórios com rigoroso controle experimental com humanos e não-humanos. Mas, envolve também pesquisa aplicada em diferentes instituições, com populações que apresentam diferentes déficits e excessos comportamentais. Ambas são relevantes para o avanço científico e tecnológico, para compreensão do comportamento. Precisamos conhecer mais sobre as variáveis envolvidas na produção do fenômeno comportamental, o comportamento como produto dessas contingências entrelaçadas nos três níveis de seleção:

filogenética, ontogenética e cultural. Todos os estudos nessa área são relevantes.

### 8. Qual dos três modelos explicativos, RFT, Equivalência de Estímulos e Nomeação, você considera que trará mais contribuições para a compreensão do comportamento simbólico?

Tenho por formação usado mais o paradigma de equivalência de estímulos nos meus estudos sobre o comportamento simbólico. Para mim, os organismos apresentam equivalência como uma função básica nas suas interações com um ambiente físico e social em constante mudança. Porém, os fenômenos sociais são complexos e históricos. Todos os estudos que venham explicitar as variáveis de controle sobre o comportamento social e simbólico são imprescindíveis, quer para ampliar o conhecimento científico e consolidar modelos experimentais, quer

para o desenvolvimento de tecnologias úteis para melhoria das relações humanas, nossa sobrevivência enquanto espécie, independentes dos modelos adotados. Precisamos sim de dados consistentes, apresentar a regularidade do fenômeno. Vivemos um mundo desafiado pelo aumento dos fenômenos sociais, como a violência entre diferentes grupos sociais, o preconceito em seus diferentes formatos (racismo, homofobia, étnico, etc), aumento da poluição e degradação ambiental e da desigualdade social e econômica, práticas religiosas fundamentalistas, etc. A cultura acadêmica vai selecionar as melhores práticas e modelos experimentais que ousarem no controle experimental, na previsão e na precisão das medidas comportamentais, afinal, nossos sistemas jurídicos, políticos, religiosos têm por base as leis, códigos e símbolos produzidos e organizados pelo próprio *Homo sapiens*.

## 9. Na sua opinião, qual será o futuro da Análise do Comportamento na pesquisa e na aplicação?

A Análise do Comportamento teve um acentuado crescimento nos últimos anos com a expansão de suas entidades, filiados e número de publicações nos Estados Unidos e em outros países, por meio de encontros anuais e conferências. A Análise do Comportamento terá um grande futuro no Brasil, país que apresenta a segunda população de pesquisadores/analistas do comportamento no mundo. Temos importantes pesquisadores trabalhando, entre outras atividades, no desenvolvimento de softwares que facilitam o ensino de conceitos. É um futuro promissor de pesquisa por conta da geração de dados com informações a respeito de processos básicos e que, ao mesmo tempo, tem implicações diretas em termos aplicados. Observo com muita satisfação, o sucesso dessa área do conhecimento na solução de problemas educacionais, especialmente no

analfabetismo ainda presente na sociedade. Os analistas têm oferecido fortes evidências dos seus benefícios na prática educacional, na gestão pública e privada, na reabilitação clínica para diferentes populações e na clínica privada. Além disso, observa-se a interlocução com outras disciplinas (a neurociência, as ciências sociais, a antropologia, a linguística), conduzida por pesquisadores brasileiros. Mais recentemente, cresce as intervenções comportamentais em populações que sofrem restrições de controle de estímulos, como autismo, surdos, cegos, pessoas com paralisia cerebral, onde os analistas do comportamento têm contribuído com treinamento especializado, pós-graduação, tecnologias cada vez mais refinadas e derivadas dos princípios do Behaviorismo radical. A pesquisa básica tem grupos importantes no Brasil e formado novos pesquisadores. Vejo com muita alegria a crescente contratação de docentes nessa área e o engajamento de pós-doutores em análise do comportamento nos últimos anos, nas

universidades brasileiras. O número crescente de eventos científicos como as Jornadas de Análise do Comportamento, organizadas pelos alunos é fantástico. Hoje temos três periódicos dedicados à Análise do Comportamento no Brasil. Claro que para isso continuar, faz-se necessário a manutenção dos investimentos em pesquisa pelo poder público, por meio de bolsas para pós-graduação, financiamento da pesquisa, abertura de editais com vagas no serviço público e apoio às entidades nacionais na realização dos seus encontros anuais. Caso não haja esse apoio do poder público, a pesquisa paralisa e uma geração de pesquisadores fica comprometida.

***“Caso não haja apoio do poder público, a pesquisa paralisa e uma geração de pesquisadores fica comprometida”***

10. Quais livros de Análise do Comportamento você considera os mais importantes?

“***Verbal Behavior***”. Em termos acadêmicos, ele é fundamental. Nesta obra, Skinner apresentou inúmeras possibilidades de desenvolvimento de pesquisas para as futuras gerações. Já em termos mais gerais, considero o “Coerção e suas implicações” como muito relevante. Sidman explorou e apresentou muito claramente as diversas condições que promovem comportamentos de fuga e esquiva, presentes diariamente em nossas vidas e com implicações diretas sobre psicopatologias.

***“Disseminar o conhecimento produzido nos laboratórios, geralmente pagos com dinheiro público, é importante para o jovem pesquisador receber críticas e sugestões, ampliar seu repertório verbal e estabelecer sempre que possível intercâmbios acadêmicos.”***

11. Quais produções de sua autoria são as mais relevantes para a comunidade analítico-comportamental?

Sugiro um trabalho que poderá se tornar referência importante: o capítulo “Chaining and ordinal classes: Conceptual, methodological and intervention aspects”, presente no livro “***Trends in Behavior Analysis, Vol. 1***”, organizado pelo Prof. João Cláudio Todorov em 2016, apresenta uma síntese encadeada dos principais dados gerados no meu percurso de pesquisa. Mas, há outros publicados com diferentes colegas professores e orientandos, envolvendo uma produção mais coletiva.

12. Para finalizar, qual recomendação você daria aos analistas do comportamento em formação?

Vocês devem se expor as contingências sociais, participar ativamente dos eventos científicos, locais, nacionais e internacionais. Esse contato com pesquisadores mais experientes é fundamental, para modelar o comportamento verbal dos jovens pesquisadores. A interlocução com outras disciplinas é relevante, para expandir a análise do fenômeno comportamental. Divulgar seus dados, debater os conceitos e os procedimentos são fundamentais para consolidação da área. Além disso, disseminar o conhecimento produzido nos laboratórios, geralmente pagos com dinheiro público, é importante para o jovem pesquisador receber críticas e sugestões, ampliar seu repertório verbal e estabelecer sempre que possível intercâmbios acadêmicos. Para isso, é relevante a fluência no inglês, o domínio da informática e a utilização de recursos institucionais como o ***Portal de Periódicos da CAPES***.



ENTREVISTA

## Roberta Lemos

*Roberta Lemos fala da sua história e atuação como Analista do Comportamento em Políticas Públicas.*

Nesta entrevista realizada pela colaboradora Virgínia Cordeiro Amorim, professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, a convite do Boletim Contexto, Roberta Freitas Lemos conta sua trajetória profissional e seus projetos atuais envolvendo Políticas Públicas sob a perspectiva analítico-comportamental. Roberta Lemos é servidora pública e ocupa o cargo de Analista Técnico de Políticas Públicas desde 2013.

### 1. Que eventos foram relevantes para o seu interesse e sua opção pela Análise do Comportamento?

Quando ingressei na faculdade de Psicologia, vi, na Análise do Comportamento, a ciência que poderia me ajudar a trabalhar na área esportiva que era o que me interessava. A concepção de homem e de mundo expressas no sistema explicativo elaborado por Skinner, parecia melhor descrever o modo como eu observava as relações humanas.

### 2. Você é Bacharel em Esporte pela USP (2004) e Psicóloga pela PUC-SP (2005). A sua dissertação de mestrado (2008) parece ter sido influenciada por suas duas formações. Àquela época, você planejava um futuro profissional que conciliasse Análise do Comportamento e Esporte? E atualmente?

É verdade. Na minha dissertação, trabalhei com comportamento de observação de jogadores de handebol de alto nível, sob orientação da Prof. Teia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da PUC-SP. Naquela época, eu tinha planos de continuar atuando na interface do Esporte com a Psicologia. Trabalhava já em alguns projetos sociais que utilizavam o esporte como linguagem para promover educação não formal. Atualmente, o projeto de trabalhar com esporte está guardado, mas vejo como uma possibilidade o trabalho com Políticas Públicas de Esporte no futuro.

### 3. Como e quando surgiu seu interesse por Práticas Culturais e Políticas Públicas?

Foi por meio do esporte que tive contato com um público bastante específico e destinatário de diversas políticas sociais. Na época, trabalhava com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto que é público abarcado pelo Sistema Único de Assistência Social. Foi trabalhando com esse público que percebi a prevalência de padrões de comportamento, de algum modo, prejudiciais aos membros do grupo, que eram mantidos por contingências sociais. Naquele momento, entendi o potencial do Estado para promover intervenções em larga escala que pudessem beneficiar um grande número de pessoas e alterar padrões comportamentais. Depois disso, revisei meus planos profissionais e comecei a investir no trabalho com Políticas Públicas.

### 4. Como foi o percurso profissional entre seu mestrado e o cargo que você ocupa atualmente no Ministério?

Em 2008, defendi a dissertação de mestrado. Naquela época, já trabalhava no Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos. No mesmo ano, tive a oportunidade de prestar uma consultoria para o Governo do Estado do Acre e, logo depois, fui convidada para colaborar com a elaboração do sistema de monitoramento e avaliação do Sistema Socioeducativo do Estado. Mudei para Rio Branco, onde vivi em 2010. Foi nessa oportunidade que vivi a experiência de trabalhar com Políticas Públicas por dentro do Poder Público. Antes disso, eu só havia trabalhado em organizações da sociedade civil que atuavam na defesa de direitos e no controle social. Depois disso, decidi que era a partir desse lugar que queria intervir. Em 2011, passei um tempo em

São Paulo, onde prestei algumas consultorias relacionadas à construção de Planos Municipais e atuei como Conselheira no Conselho Regional de Psicologia. No final do ano, mudei para Brasília, para trabalhar no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte e estudar para concurso. Depois de seis meses estudando, passei no concurso para Analista Técnico de Políticas Sociais e fui lotada no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

***“Entendi o potencial do Estado para promover intervenções em larga escala que pudessem beneficiar um grande número de pessoas”***

## 5. Quais são as atribuições do seu cargo atual? Como sua formação em Análise do Comportamento auxilia nas suas atividades?

A carreira de Desenvolvimento de Políticas Sociais foi criada pela Lei nº 12.094, de 19 de novembro de 2009. Nossas atribuições estão definidas no artigo 3º dessa lei, das quais eu destacaria, em resumo: executar atividades de assistência técnica, aferir seus resultados, proceder à análise e avaliação dos dados obtidos em projetos e programas e colaborar na definição de estratégias de execução das atividades de controle e avaliação nas áreas de saúde, previdência, emprego e renda, segurança pública, desenvolvimento urbano, segurança alimentar, assistência social, educação, cultura, cidadania, direitos humanos e proteção à infância, à juventude, à pessoa com necessidades especiais, ao idoso e ao

indígena. Quando falamos em acesso às políticas sociais, falamos sobretudo de comportamento humano. Para que o Estado cumpra o seu dever de ofertar serviços e programas para a população nessas áreas, precisamos entender, primeiramente, quais são as variáveis que controlam os comportamentos de aderir a um tratamento de saúde, de frequentar a escola ou de proteger os recursos naturais, por exemplo. Esse conhecimento é imprescindível para que se possa planejar ações eficazes e com melhor relação custo-benefício. Atualmente, trabalho na Secretaria Executiva do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituído pelo Decreto 8750, de 9 de maio de 2016, que é uma instância consultiva de participação composta por governo e sociedade civil. Sua função primordial é promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, com especial atenção para a proposição de medidas

para a implementação, o acompanhamento e a avaliação de políticas relevantes, respeitando sua autonomia, seus territórios, suas formas de organização, seus modos de vida peculiares e seus saberes e fazeres tradicionais e ancestrais. É nesse contexto que minha formação em Análise do Comportamento direciona a minha atuação.

***“Atualmente, trabalho na Secretaria Executiva do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais [...]. Sua função primordial é promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais”***

## 6. O seu projeto de doutorado abarca o Programa Bolsa Família. Quais são os objetivos do projeto? Já tem algum resultado preliminar?

No projeto de doutorado, sob supervisão do Prof. João Cláudio Todorov, pretendo demonstrar como é possível a atuação de um Analista do Comportamento em Políticas Públicas. Para isso, escolhi trabalhar com o Programa Bolsa Família, um programa de transferência de renda condicionada, instituído pela Lei 10.836, de 9 de janeiro de 2004. Assim, o objetivo principal do projeto é demonstrar a possibilidade de formulação, implementação e avaliação de intervenção em larga escala por meio de política pública local, baseada em princípios comportamentais. Inicialmente, tratei de entender como está desenhado o programa e analisar alguns de seus resultados.

Observei que o comportamento de jovens de 16 e 17 anos de frequentar a escola é selecionado pelas consequências do programa com menor sucesso. Como experimento, proponho a introdução de relação condicional complementar que envolve o estabelecimento de contrato de aprendizagem, conforme regulamentado na Lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000, sobre o comportamento de ir à escola em jovens de 16 e 17 anos contemplados com o Benefício Variável Jovem do Programa Bolsa Família. Vale lembrar que, para estabelecer um contrato de aprendizagem, é necessário que o jovem esteja matriculado e frequentando a escola. É nesse sentido que entendemos que essa pode ser uma relação condicional complementar àquela já estabelecida pelo Programa Bolsa Família. Estamos implementando uma linha de base múltipla com intervenção em três fases com dois municípios em

cada. A ideia é verificar a possibilidade de alteração do efeito social acumulado (taxas de abandono e evasão escolar municipais) por meio da alteração em contingências individuais em larga escala. Para operacionalizar a introdução da relação condicional complementar, é necessário estabelecer uma metacontingência de apoio como padrão de articulação municipal para garantia do direito à profissionalização e à proteção no trabalho e do direito à educação a adolescentes. São parceiros do projeto o Projeto Aprendizagem da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Estado de São Paulo, o SENAC e as respectivas prefeituras. Até agora, o projeto foi implementado em Atibaia e Franca (primeira fase) e Batatais e Lins (segunda fase). Estamos em plena análise de dados da primeira fase, coletando os dados da segunda fase e iniciando a implementação da terceira fase.



**7. Você, seu orientador, Prof. Dr. João Cláudio Todorov, e a mestrand Bruna França estão conduzindo o Projeto PORVIR. Quais os objetivos do projeto? Como ele se relaciona com sua tese e com seu trabalho no Ministério?**

O Projeto Porvir é exatamente a proposta que utilizamos para apresentar a pesquisa nos municípios. Para garantir um caráter institucional, construímos um site [www.projetoporvir.com.br](http://www.projetoporvir.com.br), por meio do qual é possível promover o encontro entre o empregador que precisa contratar e o jovem que quer se candidatar às vagas. Os empregadores podem criar um perfil da empresa, buscar currículos de candidatos no seu município e anunciar suas vagas. Os candidatos, selecionados pela prefeitura, podem cadastrar um perfil, montar seu currículo e se candidatar às vagas. Uma novidade para a segunda fase da

pesquisa, é que os candidatos também podem realizar cursos online na Escola Porvir. Estes cursos possuem conteúdos específicos sobre aprendizagem, processos seletivos e outros relacionados. A ideia é que os jovens possam se capacitar ainda mais antes de participarem dos processos seletivos. Para promover a adesão aos cursos, há toda uma estrutura de pontos e selos utilizados para organizar um ranking dos perfis, que funcionam como consequências imediatas. Em todos os municípios, temos trabalhado com os auditores do Ministério do Trabalho que fiscalizam se as empresas estão cumprindo sua obrigação legal de contratação, o SENAC que oferta os cursos de aprendizagem e a Secretaria de Assistência Social, ou equivalente, que tem por competência acompanhar as famílias em descumprimento das condicionalidades relacionadas ao Programa Bolsa Família. Depois de alguns meses de articulação e definição das

ações de todos os envolvidos, promovemos um evento para apresentar o Projeto Porvir e o banco de currículos do município para as empresas.

**8. Qual a relação entre o seu projeto de doutorado e seu cargo de Analista Técnica? O plano de carreira do Ministério prevê esse tipo de qualificação específica?**

A proposta de intervenção do Projeto Porvir é uma solução que pode ser implementada pelos municípios como complementar ao Programa Bolsa Família. Não há qualquer custo para os atores envolvidos, uma vez que não propomos novas atribuições, mas a ação articulada dos órgãos daquilo que já executam de forma focalizada em um público específico. Penso que é atribuição do Analista Técnico em Políticas Sociais encontrar e sugerir esse tipo de solução em

Políticas Públicas. Embora eu não esteja trabalhando diretamente na área que implementa o Programa Bolsa Família, tenho dialogado bastante sobre sua viabilidade dentro do Ministério. A carreira ainda é nova e não há qualquer consequência direta para quem tem pós-graduação, embora seja uma das pautas da associação. No entanto, há regulamentação específica que permite ao servidor se ausentar ou adequar seu horário para fazer o curso.

**9. Na sua opinião, que métodos de pesquisa devem ser mais explorados por analistas do comportamento que queiram produzir conhecimento para intervenção em práticas culturais de larga escala?**

Embora os delineamentos entre grupos sejam hoje largamente utilizados na produção de conhecimento em Políticas Públicas, penso que devemos insistir no potencial dos delineamentos de sujeito único característicos da

pesquisa experimental em Análise do Comportamento. A necessidade de realizar medidas repetidas, por si só, já se apresenta como uma vantagem para averiguar a mudança do comportamento de membros de uma comunidade ao longo do tempo. Entre os delineamentos possíveis, gosto, particularmente, da linha de base múltipla entre comunidades ou municípios. Por meio dele é possível ter diferentes comunidades ou municípios em condição controle enquanto outros estão sob efeitos da variável independente, o que nos permite avaliar se as alterações na variável

*“Não parece adequado suspender uma intervenção que pode estar beneficiando uma comunidade”*

dependente são efeitos da intervenção. Além disso, no caso de políticas públicas que pretendem garantir direitos à população, é uma vantagem não precisar realizar a reversão para demonstrar os efeitos da intervenção. Não parece adequado suspender uma intervenção que pode estar beneficiando uma comunidade, por exemplo. Para o pesquisador, não precisar realizar mais de uma intervenção ao mesmo tempo pode ser uma vantagem, uma vez que a implementação de um projeto em um município, por exemplo, pode demandar um grande investimento de tempo.

**10. Você acredita que em algum momento o governo do Brasil adotará uma política baseada em evidências, nos moldes das equipes de ciências comportamentais e sociais adotadas em outros países?**

A elaboração de políticas baseadas em evidências é uma tendência cada vez mais abarcada pelos órgãos do Executivo. Há, inclusive,

órgãos criados especialmente para isso, como é o caso da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação no Ministério onde trabalho. No entanto, vejo ainda muito pouco a utilização de pesquisas científicas produzida pelas Ciências do Comportamento, como insumo. Acho bastante possível a instituição de um espaço semelhante àqueles adotados em outros países, no âmbito do Poder Executivo, que tenha como referência as Ciências do Comportamento. É comum a criação de grupos interministeriais de caráter eminentemente técnico para se debater e construir os caminhos de determinado programa, projeto, serviço ou ação. Penso que o que nos falta é investir na comunicação com gestores para demonstrar como isso é possível. Recentemente, o Grupo de Estudos em Cultura e Comportamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento da UnB, supervisionado pelo Prof. João Cláudio Todorov e do qual participo, lançou o primeiro evento, de uma série a

ser produzida, que pretende instituir o diálogo entre a Análise do Comportamento e os Gestores de Políticas Públicas. Na ocasião, debatemos programas de transferência de renda condicionada e pagamentos por serviços ambientais com gestores das áreas. Certamente, não é o único modo, mas já é uma possibilidade para divulgar o potencial da Análise do Comportamento.

### **11. Que recomendações você daria ao jovem analista do comportamento que pretende trabalhar com Políticas Públicas? Quais referências bibliográficas você indica?**

Minha principal recomendação é “mostrar a cara”, ir nos lugares e conversar com os atores que atuam na formulação, implementação e avaliação das Políticas Públicas, seja no Executivo ou no Legislativo, e com seus beneficiários. Acho imprescindível conhecer os

meandros da política, antes de planejar qualquer intervenção. Não há nada de tão complicado ou inacessível. Especialmente no âmbito municipal, vejo muitas vezes os atores bastante receptivos a novas ideias. Se o desejo for assumir um cargo como servidor público, recomendo escolher uma carreira de analista ou gestor que permita uma atuação direcionada às políticas sociais. Para quem está tateando a área, indico a “Coletânea de Políticas Públicas” da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), que traz capítulos específicos sobre o ciclo de políticas públicas, os espaços de tomada de decisão e os atores envolvidos. O livro “The Nurture Effect”, do Anthony Biglan, traz recomendações interessantes aos gestores públicos ao final de cada capítulo e o livro “Finding Solutions to Social Problems: Behavioral Strategies for Change” do Mark Mattaini e Bruce Thyer tem capítulos específicos sobre mudanças em padrões de comportamento em membros de comunidades.



ENTREVISTA

## *Maria Wang*

*Maria Wang conta sua trajetória  
como jornalista e analista do  
comportamento*

O Boletim Contexto entrevistou Maria de Lima Wang, jornalista, Doutora em Psicologia Experimental pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e coordenadora da Comissão de Comunicação da ABPMC entre 2015 e 2016. Maria apresentou sua trajetória na Análise do Comportamento, comentou interfaces do jornalismo com a área e discutiu mídias sociais e sua relação com a mídia tradicional. Veja a entrevista completa a seguir.

### **1. Como você resumiria sua inserção e sua trajetória de pesquisas em Análise do Comportamento?**

Inscrevi-me no processo seletivo para o mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PEXP) da PUC-SP no segundo semestre de 2005. Fazia mais de dez anos que eu havia terminado a faculdade, não conhecia Análise do Comportamento e vinha de uma área dominada pela

Psicanálise: a Comunicação. No curso de jornalismo, tive aula de Psicologia com a professora Irene Franckowiak, que atuava na interface entre Psicologia e Comunicação com orientação psicanalítica.

Fui aceita no PEXP como aluna especial, cursando duas disciplinas. Inicialmente, sem conhecimento dos conceitos básicos da área, entendia pouco das discussões em sala de aula, mas o pouco que entendia produzia um misto de deslumbramento e espanto. Espantava-me sobre o quanto eu era ignorante acerca do comportamento humano. O que aprendia muitas vezes contrariava minhas concepções não só sobre comportamento humano, mas sobre ciência e sociedade de forma geral. Apesar de desconstruir parte de meu mundo, o novo mundo que emergia fazia mais sentido para mim. Descobria que, por meio da ciência do comportamento humano, podemos promover transformações sociais em larga escala, não apenas transformações

individuais e em pequenos grupos, e a mídia teria papel central em qualquer tentativa de mudança social ampla.

Um fato importante em minha inserção na Análise do Comportamento, logo que entrei no PEXP, foi minha participação no XIV Encontro da ABPMC ocorrido em agosto de 2005, em Campinas. Eu era tão leiga na área que não sabia nem o que selecionar para assistir. Assisti a apresentações da clínica e de pesquisa básica, com rato, que eram compreensíveis para mim na época. Mesmo assim, foi um evento muito enriquecedor para mim. Desde essa época nunca deixei de participar dos encontros da associação. Este ano será meu 12º encontro.

Tanto no mestrado quanto no doutorado estudei interações em blogs jornalísticos, ou seja, voltei-me para minha área original. No mestrado, que terminei em 2008, estudei interações verbais no blog do jornalista Luís Nassif e encontrei indícios de diversidade

no modo como os participantes do blog trataram o principal tema em discussão ([Wang, 2008](#); Wang & Pereira, 2010). Embora política não fosse o tema-alvo, encontrei indicativos também de que havia um certo equilíbrio entre os participantes favoráveis ao PT e os favoráveis ao PSDB. Acompanhando o blog ao longo do tempo, aparentemente o número de participantes favoráveis ao PSDB ia diminuindo. No doutorado, que terminei em 2013, decidi comparar interações sobre política no blog de Nassif e blog do também jornalista Ricardo Kotscho ([Wang, 2013](#); [Wang & Pereira, 2016](#); [Wang, Pereira & Andery, 2016](#)). No geral, o padrão de interação dos participantes foi semelhante em ambos os blogs: houve diversidade na forma como os participantes interagiram entre si e no modo como se posicionaram sobre política. A principal diferença referiu-se à orientação política dos participantes. No blog de Nassif, quase a totalidade dos participantes se posicionou de modo favorável ao PT ou desfavoravelmente ao PSDB.

Esse dado foi interpretado como indício de redução na diversidade no referido blog ao longo do tempo no que diz respeito à orientação política dos participantes. No blog de Ricardo Kotscho, a relação entre participantes favoráveis ao PT e os favoráveis ao PSDB ficou mais equilibrada. Nesse aspecto, o padrão comportamental encontrado no blog de Kotscho assemelhou-se ao encontrado no blog de Nassif na pesquisa de 2008.

Baseando-me nas características do comportamento verbal e nas das mídias sociais, minha hipótese é a de que uma comunidade mantida nas mídias sociais tende a uniformizar as próprias práticas, sobretudo em interações sobre temas classificados tradicionalmente como ideologia ou crença, entre os quais, a política partidária. Se diversidade for um valor, terá de ser planejada explicitamente, do contrário a referida comunidade corre o risco de se fechar em torno de suas práticas e colocar em risco a própria sobrevivência.

2. Em *entrevista para o Comporte-se* você comentou que a análise do comportamento teria “alargado sua compreensão sobre o jornalismo”. Como sua concepção sobre o jornalismo foi alterada pela sua formação em análise do comportamento?

Jornalismo é uma atividade que envolve, primordialmente, comportamento verbal com respectivos produtos. Saber que comportamento verbal é mantido por consequências liberadas por outras pessoas, e essas consequências podem ser meramente sociais, aumentou minha cautela ao lidar com certos temas, fontes e dados. Tornei-me mais reflexiva acerca de minhas próprias crenças – e seus efeitos sobre o meu trabalho –; passei a relativizar o controle de grupos e profissionais de comunicação sobre indivíduo e sociedade: eles controlam, mas também são controlados e, entre suas fontes de controle, estão os consumidores. Em síntese, a Análise

do Comportamento me tornou mais ponderada e mais cética.

3. Você participou da diretoria da ABPMC na gestão 2015-2016, tratando especialmente de questões relacionadas à comunicação (interna e externa) da associação. Como foi essa experiência para você? Quais são os aspectos fortes e fracos da comunicação da ABPMC? Onde podemos melhorar?

Foi uma experiência enriquecedora, com muita aprendizagem, e igualmente desafiante. Pela primeira vez coordenei um grupo de voluntários para realizar atividades de comunicação e sem contar com verba para isso. No início da gestão, muita gente boa aceitou participar da Comissão de Comunicação. Cada participante tinha reponsabilidade específica, escolhida por ele (fazer curadoria de conteúdo para compartilhamento nas mídias sociais, ajudar na manutenção dos

diferentes perfis da ABPMC nas mídias sociais (Facebook, Twitter, Youtube), acompanhar e responder possíveis más-representações da Análise do Comportamento na mídia). Mas bons profissionais, em geral, são ocupados, estão submetidos a múltiplos esquemas. Quando os esquemas se tornam concorrentes é normal que as atividades *pro bono publico* sejam as primeiras a ser sacrificadas. Foi o que ocorreu com a maioria dos integrantes da Comissão de Comunicação em nossa gestão. Sem verba para pagar alguns serviços e com menos mãos à obra, não foi possível realizar – ou fazer sistematicamente – várias atividades previstas.

Apesar dos desafios, fortalecemos a presença da ABPMC nas mídias sociais (quando iniciamos a gestão, a página da ABPMC no Facebook tinha 5.315 seguidores; no fim de nossa gestão eram quase 14 mil seguidores). Abrimos um canal de comunicação com a imprensa e a ABPMC passou a ser procurada por jornalistas

da grande mídia (Globo, Band, Estadão, Correio Braziliense, UOL, entre outros) para indicar fontes para entrevistas sobre diversos temas. Em relação a esse canal, talvez não tenhamos obtido mais sucesso por falta de uma cultura para lidar com a imprensa. Deixamos de atender a muitos pedidos de entrevistas porque não encontrávamos alguém disposto a atender a repórteres ou produtores de programas de rádio e televisão no momento em que eles precisavam da fonte.

Conseguimos divulgar os Encontros da ABPMC para além do ambiente da Psicologia: em publicações como as da FAPESP, da Fundação Araucária, da SBPC, do CNPq, entre outras. Houve, portanto, algum avanço, apesar de tímido, se comparado à nossa expectativa inicial.

Citaria como aspecto forte da comunicação da ABPMC a diversidade de canais de comunicação mantidos pela Associação,

que vão desde publicações com revisão entre pares, como a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC)* e a coletânea *Comportamento em Foco*, ao Boletim Contexto, mais dinâmico no que diz respeito ao ritmo de atualização das informações e discussões de interesse da comunidade.

Um passo adiante, para aprimorar a comunicação da ABPMC com seus diferentes públicos, seria criar um plano de comunicação e mudar o status da comunicação para o de área estratégica. **Comunicação envolve um conjunto de atividades que todo mundo sabe fazer, com variados níveis de competência. Talvez por isso seja negligenciada a ponto de ser realizada sem seguir-se um plano, sem método claro, e sem objetivos definidos para curto e longo prazo, sem tentativas de medir seus efeitos. O que comunicar, por que comunicar, como fazê-lo, com quais possíveis efeitos. Questões como essas deveriam**

### **orientar as atividades da área.**

Devo admitir que mesmo em nossa gestão, em que havia uma comissão específica para a área de comunicação, foi difícil adotar uma estratégia consistente de comunicação com os sócios e o público em geral. Novamente aqui talvez se deva, pelo menos em parte, à forma de gestão da associação, realizada por voluntários, incluindo-se aqui os integrantes da diretoria, e sem margem no orçamento para a contratação de serviços de terceiros (talvez pelo fato de comunicação não ser considerada estratégica). Cada comissão, cada diretor, pode realizar a comunicação relacionada com as atividades sob sua responsabilidade do jeito que achar melhor. Fica difícil estabelecer um padrão baseado em um plano, com objetivos e metas definidos, de forma que se possa avaliar os resultados e corrigir rumos.

Em nossa gestão, a Comissão de Comunicação

havia se comprometido a preparar um plano de comunicação que pudesse orientar ações de nossa gestão e gestões subsequentes. Fal-  
tou fôlego para deixar essa contribuição pa-  
ra as próximas gestões.

Uma possível medida para amenizar os efei-  
tos da descentralização da comunicação se-  
ria cada comissão ter alguém responsável  
por questões de comunicação. Essa pessoa se  
encarregaria de manter o gestor informado

**“O que comunicar, por  
que comunicar, como  
fazê-lo, com quais  
possíveis efeitos.  
Questões como essas  
deveriam orientar as  
atividades da área.”**

sobre as novidades e o gestor realizar a co-  
municação para os demais públicos.

### **5. Como você vê a área de divulgação científica e o jornalismo científico no Brasil, em especial no que se refere à Psicologia? E quanto à participação dos analistas do comportamento nessa área?**

Não tenho acompanhado a área de forma sis-  
temática. Na mídia tradicional, editorias de  
ciência historicamente tiveram menos espa-  
ço em comparação com as demais editorias  
e são uma das primeiras afetadas diante dos  
primeiros sinais de crise. Além disso, jorna-  
listas que cobrem ciência focam as *hard scien-*  
*ces* e normalmente a cobertura se baseia em  
outras publicações, como a *Nature*. Como são  
editorias pequenas (às vezes com um editor  
e um estagiário), torna-se difícil aos pro-  
fissionais que cobrem a área acompanhar as  
descobertas diretamente nos principais cen-  
tros de pesquisa. Mas com a expansão das

plataformas de mídia social pesquisadores  
dependem cada vez menos de um meio de  
comunicação tradicional para a divulgação  
científica. Há um desafio importante aqui  
que é a falta de tempo do pesquisador, en-  
volvido em múltiplas tarefas, para se dedi-  
car a mais uma atividade. Comunicação com  
o público não é fácil. Exige abrir mão, ou es-  
clarecer, termos técnicos sem comprometer  
a precisão, sem generalização ou abstração  
indevida. Mas considero que as vantagens  
de se comunicar com o público sem inter-  
mediários podem compensar o custo.

Em relação ao papel dos analistas do compor-  
tamento na divulgação de ciência, acho que  
faltam pesquisas em que nos apoiar para dis-  
cutir a questão. Tenho a impressão de que a  
comunidade de analistas do comportamento  
é bastante ativa nessa área. Se a comunidade  
adota linguagem acessível ao grande públi-  
co, essa é novamente uma questão que me-  
receria ser estudada. Conforme o psicólogo



e linguista [Steven Pinker \(2014\)](#), quanto mais conhecemos um tema, mais dificuldade temos de tratar esse tema em linguagem simples, compreensível ao grande público. Ele denomina esse fenômeno de maldição do conhecimento. De modo semelhante, [Joseph Spradlin \(1985\)](#) cita dados de um estudo que indica que há dificuldade de interação entre pessoas com grandes diferenças de repertório verbal. Talvez isso explique os obstáculos na comunicação entre pesquisadores acadêmicos, os superespecialistas, e leigos.

## 6. Qual seria o papel das chamadas mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram etc.) no cenário da mídia e da política nacionais hoje? Em especial, como as mídias sociais se relacionariam com o fortalecimento (ou enfraquecimento) da democracia?

Quando tratamos das mídias sociais, tendemos a encará-las como se fossem um

mundo novo, sem relação com o mundo anterior, sem relação com a mídia tradicional e com outras práticas culturais já consolidadas. Não é bem assim. A principal novidade surgida com as mídias sociais diz respeito à facilidade para qualquer um produzir e compartilhar conteúdo em tempo real, com alcance praticamente ilimitado, com baixo custo. São as possibilidades para a própria exposição. As plataformas de mídias sociais são uma espécie de operante-livre: oferecem a possibilidade de reforço imediato, 24 horas por dia, todos os dias do ano, com baixo custo de resposta. Oferecem possibilidades para a fama. Sendo assim, tudo pode acontecer: tanto o fortalecimento quando o enfraquecimento da democracia; tanto a promoção de boas práticas quanto a de práticas irrelevantes ou nocivas socialmente. Vejamos, por exemplo, quem são os campeões de audiência no Youtube. Hoje, o canal com maior número de inscrições mundialmente

é o de um *gamer* acusado de antissemitismo, Pewdiepie. Seu canal, com mais de 55 milhões de assinaturas, é assinado principalmente por jovens e adolescentes.

É indiscutível que as mídias sociais têm papel importante para a ação dos movimentos sociais, entre outros grupos que lutam pelo fortalecimento da democracia. Mas descrevê-las como ameaça ou salvaguarda da democracia simplificaria a questão. Muitos dos problemas das relações indevidas entre informação e propaganda comercial encontrados na mídia tradicional encontram-se também nas mídias sociais. A mídia tradicional também se apropriou das mídias sociais. Não há separação entre ambas as formas de comunicação.

**Paradoxalmente, as mídias sociais oferecem oportunidades como nunca antes para o planejamento de intervenções que visem a promoção da diversidade comportamental, para**

a promoção de uma sociedade mais igualitária e justa; intervenções que busquem promover o enriquecimento das interações humanas em geral. Parece, no entanto, pouco provável que o uso responsável e ético das mídias sociais surja e cresça espontaneamente a ponto de superar problemas como o aumento da vigilância social, as chamadas

*“É indiscutível que as mídias sociais têm papel importante para a ação dos movimentos sociais, entre outros grupos que lutam pelo fortalecimento da democracia. Mas descrevê-las como ameaça ou salvaguarda da democracia simplificaria a questão.”*

bolhas ideológicas, os robôs eletrônicos (que decidem o que mostrar e não mostrar aos consumidores), a desinformação e falsificação de dados, o comércio de informações pessoais, entre outras práticas deletérias.

**7. Para finalizar, qual recomendação você daria aos analistas do comportamento em formação?**

Sugiro que os jovens analistas do comportamento tenham consciência sobre ameaças e oportunidades, vantagens e desvantagens, resultantes da exposição nas mídias sociais. Apropriar-se dessas novas tecnologias com critérios predefinidos, com senso crítico, consciente dos possíveis riscos, poderá reduzir as possíveis adversidades da referida exposição. Que tomemos consciência sobre as práticas que estamos fortalecendo ou enfraquecendo com nossas interações nesses meios. Para concluir, gostaria de citar Eric Schmidt e Jared Cohen (executivos do Google)

que escreveram o seguinte no livro [\*A Nova Era Digital \(2013\)\*](#):

**“Não escreva nada que não possa ser lido em voz alta diante de você em um tribunal ou visto impresso na manchete de um jornal, pois o peixe morre pela boca. No futuro, o significado desse velho ditado será expandido para incluir não só o que você diz ou escreve, mas também os websites que visita, que adicionou em sua rede, o que ‘curte’ e o que suas conexões fazem, dizem ou compartilham... Se estamos conectados à web, publicamos e aceitamos risco de nos tornar figuras públicas. É só uma questão de quantas pessoas prestam atenção em nós e por quais motivos... a onipresença das redes sociais permitirá que todos sejam celebridade, paparazzo e voyeur ao mesmo tempo. Cada pessoa vai produzir uma quantidade volumosa de dados sobre si mesma – seu passado e presente, preferências e escolhas, aspirações e hábitos. Como hoje, muito**

desse material será 'opt-in', significando que o usuário opta de forma deliberada por compartilhar conteúdo por alguma razão pessoal ou comercial indeterminada; mas parte dele não será. Também como já acontece, muitas plataformas on-line repassarão para empresas e terceiros dados sobre as atividades do usuário sem o conhecimento expresso dele. As pessoas compartilharão mais do que têm consciência. Para governos e empresas, esse florescente conjunto de informações é uma dádiva... Os cidadãos vão tirar conclusões sobre os outros a partir de princípios precisos e imprecisos, de fontes 'legítimas', como perfis no LinkedIn, e 'ilegítimas', como um comentário fortuito no Youtube há muito esquecido... o que começou com os meios de comunicação de massa e Watergate vai continuar na nova era digital, quando ainda mais informações sobre os indivíduos, de quase todos os períodos de sua vida, estarão disponíveis para exame detalhado”.

## Referências

Pinker, S. (2014). *Guia de Escrita*. São Paulo: Editora Contexto.

Schmidt, E., & Cohen, J. (2013). *A Nova Era Digital – Como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios* (pp. 65-67). São Paulo: Intrínseca

Spradlin, J.E. (1985). Studying the effects of Audience on verbal behavior, *The Analysis of Verbal Behavior*, 3, 5-9.

Wang, M. L. (2008). *Análise de interações verbais em um blog jornalístico: possíveis relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si*. Dissertação de Mestrado.

Wang, M. L. (2013). *Possibilidades e limites para diversidade de interações sobre política partidária em blogs*. Tese de Doutorado.

Wang, M. A. L., & Pereira, M. E. M. (2016). Possibilidade e limites para a diversidade comportamental em mídias sociais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12(1).

Wang, M. A. L., Pereira, M. E. M., & Andery, M. A. (2016). Mídia, comportamento e cultura. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 7(2), 147-164.

Wang, M. A. L., & Pereira, M. E. M. (2010). Comportamento verbal em um blog jornalístico – diversidade e possibilidade de contracontrole. In M. M. C. Hubner et al. (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição – Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (Vol. 25, pp. 137-147). Santo André, SP: Esetec.



ENTREVISTA

## Felipe Leite

*Felipe Leite, presidente da ABPMC, fala sobre formação e inovação em Análise do Comportamento*

O Professor Dr. Felipe Lustosa Leite, Presidente da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC – Gestão 2017-2019) e co-fundador da *Imagine Tecnologia Comportamental* foi entrevistado por Hernando Borges Neves Filho. Nesta entrevista Felipe conta como a sua formação em processos culturais influencia sua posição atual como Presidente da ABPMC e analisa aspectos da formação dos analistas do comportamento.

**Felipe, antes de começarmos, por favor dê um breve resumo da sua formação e interesses acadêmicos.**

Sou formado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2006), mestre (2009) e doutor (2014) em Teoria e Pesquisa do Comportamento pela UFPA. Atuei principalmente no campo de Análise Comportamental da Cultura, educação e inclusão (principalmente autismo). Hoje em dia meus principais

interesses de pesquisa se direcionam às áreas de sustentabilidade, educação e desenvolvimento de tecnologia.

**1. Felipe, conte-nos um pouco da sua trajetória acadêmica. Como se interessou pela Psicologia? Como foi o primeiro contato com a Análise do Comportamento (AC)? O que lhe chamou atenção na abordagem?**

Francamente, quando entrei no curso de Psicologia não sabia muito o que esperar. Eu era muito moleque e me interessava mais por RPG e por me envolver na cena de rock independente de Fortaleza na correria de organizar festival, gravar e tudo mais. Eu achava interessante o que estudava na faculdade, mas não me via fazendo muito com aquilo. Isso mudou quando entrei em um grupo de estudos de Análise do Comportamento e aí entrei em contato com algo que eu consegui me ver utilizando para algo útil. O que mais

me chamou a atenção na abordagem foi o foco em ação, em descrever mais o que as pessoas FAZEM e em relação a que outras mudanças estão acontecendo, do que descrever palavras em cima de palavras que parecem interminavelmente vir de abstrações filosóficas (e olha que eu adoro filosofia...). Isso possivelmente tem muita relação com minhas atividades na época. Durante a graduação ajudei a fundar uma empresa júnior de Psicologia e me envolvi no movimento nacional de empresas juniores (inclusive atuando na organização da Conferência Mundial de Empresas Juniores que ocorreu em Fortaleza em Julho/2004), atuei no Juizado da Infância e da Juventude (com adolescentes em conflito com a lei e na equipe de adoção e manutenção de vínculo), com redução de danos relacionado a dependentes químicos e como acompanhante terapêutico em uma instituição para pessoas com Autismo. Essa última experiência foi onde mais aprendi sobre aplicação de Análise do Comportamento

durante a graduação, passando 20h semanais com um adolescente com autismo e planejando muitas intervenções de modo naturalístico. Ao fim da graduação fui entrando mais em contato com uma história chamada “metacontingência” e passei a me embrenhar mais em estudo de fenômenos sociais.

*“O que mais me chamou a atenção na abordagem foi o foco em ação, em descrever mais o que as pessoas FAZEM e em relação a que outras mudanças estão acontecendo, do que descrever palavras em cima de palavras que parecem interminavelmente vir de abstrações filosóficas”*

2. Boa parte da sua produção é na área de cultura. Seu mestrado e doutorado trataram de modelos empíricos de metacontingências, com humanos em laboratório. Boa parte dos desenvolvimentos da abordagem operante da cultura ocorreram no Brasil, e seu trabalho fez parte disso. Como você faria um breve balanço da área hoje? O que um Analista do Comportamento tem pra falar de cultura, e quais os próximos passos para além do laboratório?

É super legal ver que, em termos de pesquisas experimentais sobre fenômenos culturais em Análise do Comportamento, o Brasil se tornou uma liderança, e tenho orgulho de fazer parte dessa história. Como o Emmanuel [Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, da UFPA. Orientador de mestrado e doutorado de Felipe] falou na minha defesa de mestrado, eu era a pessoa certa na hora certa. Eu tava afim de trabalhar

nesse campo e tinha um pessoal empolgado. Naquele momento ainda sabíamos muito pouco de como desenhar os experimentos que queríamos e houve muita exploração, o que achei uma experiência maravilhosa. Ter construído um laboratório de pesquisa para a área foi super legal. Vejo hoje que esta área se disseminou bem e temos muitos grupos de pesquisa atuando em todas as regiões brasileiras. Temos trabalhado, com graus de sucesso variado, na formação de colaborações de pesquisa (hoje colaboro em projetos na área com a Camila Munchon da UEL). Um outro problema que tínhamos, de que haviam muitas dissertações e teses e poucos artigos também está se resolvendo. Também vejo um lado positivo de que os procedimentos experimentais têm melhorado, com alguns alcançando algo mais próximo de um modelo de operante livre. O que sinto que ainda precisamos atacar é (a) ver como podemos fazer pesquisas com culturas mais amplas e (b) como podemos usar o conhecimento

da área para planejar intervenções culturais. Para o ponto (a), acho que seria super interessante se pensássemos em um mundo virtual para ser usado como laboratório cultural. Algo como um MMORPG [sigla de Massive Multiplayer Online RPG, um estilo de jogos digitais online muito populares, que envolvem cenários nos quais dezenas, centenas de jogadores interagem online] experimental onde pudéssemos manipular variáveis e coletar dados. Algo do tipo teria que ser iniciativa de uma rede de pesquisa, e talvez a formação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) para o campo pode ajudar a desenvolver projetos colaborativos desta magnitude. Sobre o ponto (b), nossas propostas de intervenções culturais ainda são muito incipientes e amplamente pautas em comportamento de indivíduos. Acho que esse é um caminho, mas o conhecimento para se transformar ambientes sociais ainda não tem se tornado tecnologia de fato. Na época da UFPA tínhamos iniciado pesquisa aplicada

(*dissertação do Felipe Wanderley*), mas ainda era só um começo. Precisamos trabalhar mais amplamente uma Análise Comportamental Aplicada da Cultura.

### 3. Qual artigo seu você acredita ser o mais importante dentre suas publicações? Tem alguma recomendação de um artigo introdutório e atual da área?

Acho bastante difícil responder a primeira pergunta porque acho que nunca fiz uma avaliação de impacto do meu trabalho. Francamente quando termino um (ou até antes disso) eu já tô até o pescoço envolvido com outras coisas. Assim, para matar coelhos com o mínimo de cajadadas, um artigo que ajuda a compreender aspectos interessantes da área e que tem relação com minha produção foi um artigo publicado em dezembro do ano passado na Acta Comportamentalia, de autoria da Jade Martins e minha, na qual mapeamos a literatura experimental de meta e

macrocontingências e conseguimos observar bem o desenvolvimento desse campo ([Martins & Leite, 2016](#)). Outra recomendação que entra nessa questão é [uma tradução do clássico artigo de 2004 da Sigrid Glenn](#) que eu, Angelo Sampaio e Natália Marques traduzimos, com um artigo introdutório prévio meu e do Angelo ([Sampaio & Leite, 2015](#)).

**4. Sua formação como um planejador de contingências com ênfase em processos culturais influencia sua atual posição de presidente da ABPMC? Conte um pouco dos princípios e metas que guiam a atual gestão.**

De certo modo sim, talvez até meio sem querer em alguns momentos. Muito do meu papel é olhar para a “big picture”, i.e., ver o que precisamos alcançar, montar grupos de trabalhar para tais fins e por esses grupos para funcionar. Além disso, preciso lidar

muito com questões legais e/ou políticas, e aí é bom uma avaliação do nosso próprio ambiente social.

Sobre princípios, temos defendido uma relação menos hierarquizada com gestão mais horizontal. Todos os membros da diretoria executiva tem voz igual e as divisões entre primeiro e segundo do cargo (e.g., primeiro e segundo tesoureiro) tem se tornado mais cinzas, com uma divisão mais igualitária de responsabilidades e atribuições entre os dois. Também temos tentado buscar algumas renovações na ABPMC, desde infra-estrutura (mudanças nos prestadores de serviço) até tentar aumentar o número de rostos novos entre os convidados do [nosso Encontro](#). Temos uma geração novas de analistas do comportamento extremamente talentosa e com trabalhos diversificados, interessantes e inovadores. Estamos tentando dar mais espaço para essa nova geração no Encontro.

Quanto às metas, algumas envolvem conseguir oferecer mais benefícios aos sócios da ABPMC, fortalecer a Acreditação do Analista do Comportamento, levar os Encontros da ABPMC para cidades que nunca o sediaram, atrair mais membros da nossa comunidade para colaborarem com a ABPMC e dar fomento a iniciativas de formação em Análise do Comportamento.

***“Temos uma geração novas de analistas do comportamento extremamente talentosa e com trabalhos diversificados, interessantes e inovadores.”***

**5. Na minha visão geral da área, a AC está passando por um momento de transformação. A popularidade da terapia ABA, resultado de sua eficácia, e outras aplicações como o OBM tem dado um novo vigor à AC. A ABPMC está diretamente envolvida nisso, graças ao processo de acreditação de analistas do comportamento no Brasil. Você, como presidente de uma associação nacional que direciona isso e com seu histórico de pesquisador, como avalia esse momento da área?**

Como diria minha amiga Ariene Coelho, estamos passando por alguns problemas que na verdade são resultado de coisas boas. Como você falou, algumas áreas de aplicação de Análise do Comportamento têm ganhado mais reconhecimento social como boas estratégias de resolução de problemas, isso em áreas variadas. Isso tem aumentado a procura específica por analistas do comportamento. O caso mais acentuado tem ocorrido em

relação aos serviços para pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Pelo amplo reconhecimento da eficácia das intervenções em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para esta população, tem aumentado procura por analistas do comportamento nesta área, o que tem também resultado em profissionais sem qualificação ou formação específica na área vendendo serviços de “método ABA” (quando o profissional vende o serviço usando o termo “método ABA”, quase sempre é profissional sem qualificação adequada...). Além disso, com maior exigência da população por este serviço, isso tem forçado os planos de saúde a cobrirem, frequentemente com profissionais sem qualificação específica. Este cenário tem resultado em litígios por todo o Brasil e a ABPMC está agora se envolvendo ativamente visando tanto proteger a qualidade de serviços analítico-comportamentais como também garantir que estas famílias tenham acesso a um trabalho de qualidade. Por meio de mim e de nossa

assessoria jurídica e com o amparo da Comissão Especial de Desenvolvimento Atípico, iniciamos um trabalho de dar suporte às famílias que tem entrado com ações judiciais quando os planos ou apresentam justificativas para não cobrir o serviço ou quando empurram profissionais não analistas do comportamento para trabalhar com ABA. Neste cenário, nossa posição tem sido de defender a Acreditação do Analista do Comportamento como ferramenta para identificar um analista do comportamento devidamente qualificado. Este lado do trabalho tem possivelmente sido minha maior dor de cabeça, no sentido de eu ter que me debruçar sobre processos e estar frequentemente tendo que participar de reuniões com pessoas ligadas ao meio jurídico (o que, francamente, é algo que nunca esperava fazer e nem sinto muito prazer em fazer), mas também tem sido recompensador. Tenho ouvido histórias familiares das mais diversas e saber que estamos, aos poucos, conseguindo ajudá-las, é gratificante.



*“Nossa posição tem sido de defender a Acreditação do Analista do Comportamento como ferramenta para identificar um analista do comportamento devidamente qualificado.”*

6. Atualmente você tem se dedicado a gerir sua empresa, a Imagine Tecnologia Comportamental, com sede em Fortaleza. Como funciona uma empresa de “Tecnologia Comportamental”?

As pessoas tendem a associar a palavra “tecnologia” com eletrônicos, mas se esquecem que implica no produto final de conhecimento científico que permite uso em larga escala. Assim, nosso foco é desenvolvimento

de serviços e produtos em Análise do Comportamento. Passei a ser dedicação exclusiva na Imagine apenas agora (até Junho em dava aula na Unifor) e quem vinha dedicando mais energia à empresa tinha sido a Lidi Queiroz, minha esposa e sócia. Meu papel na Imagine é essencialmente de supervisão científica de treinamento, visando avaliar a precisão de procedimentos, coleta e análise de dados e capacitar nossos profissionais e estagiários. Nosso carro chefe no momento é o serviço de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo guiado pela Lidi, na qual dou amparo científico e educacional, mas estamos trabalhando na ampliação de serviços. Se eu puder resumir em uma frase o meu trabalho na equipe da Lidi é mapear os problemas que ocorrem na oferta de serviços e propor soluções para eles. Aí tenho me envolvido desde processos com indivíduos (seleção, treinamento) a processos gerenciais (desenvolvimento de software de gerência).

Além disso, temos buscado dar retorno social ao investimento feito em nossa formação, e com isso iniciamos um projeto piloto para oferecer o nosso serviço de modo gratuito. O Imagine PEACE (Projeto Escola de Aplicação do Ceará) visa tanto capacitar profissionais para atuar em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo como oferecer este serviço a famílias de baixa renda. O piloto deste projeto iniciou há poucos meses com quatro famílias e ainda estamos colhendo os primeiros resultados.

Meu carinho maior é o que está começando, que é nosso Instituto de Pesquisa. Ainda estamos engatinhando nesse aspecto, mas agora saiu do lugar, e nossa meta é desenvolver pesquisa científica de modo independente, com ênfase em produção de tecnologia (serviços ou produtos). E isso aí está intimamente interligado ao sonho de ter uma editora independente, da qual teremos novidades ainda esse ano.

7. Novidades bem interessantes estão mesmo por vir! Bom, a Imagine me parece tanto um bom exemplo de aplicação, com impactos sociais relevantes do que aprendemos em laboratórios de Psicologia, como também uma boa forma de criar um local de atuação que incentive a criatividade e a formação continuada de Psicólogos (com ênfase em Análise do Comportamento). Comente um pouco sobre como uma empresa de “Tecnologia Comportamental” pode ser um empreendimento, e se há interesse do mercado por esse tipo de empreendimento.

De um modo geral, nossos cursos de Psicologia capacitam pouco os graduandos a resolverem problemas. Primeiro o foco tende a ser mais no local de atuação (clínica, escola, organização) e menos em processos. Nesse sentido, sinto falta em nossas graduações de um treinamento científico sólido. O treino em método experimental é essencialmente

treinamento em metodologias de testagem e treina competências de resolução de problema. O bom experimentalista não é “aplicador de técnicas”, mas sim um profissional que vê um problema, propõe uma solução, testa a solução, avalia os resultados e vai aprimorando soluções. Esta competência tem alto valor de mercado, apenas não aprendemos a mostrar isso ou, em alguns casos, a desenvolver serviços de modo sistematizado com isso. O sucesso do pessoal que trabalha com ABA em geral vem disso. Profissionais que dominam método experimental tendem a ser bons aplicadores.

Agora vamos olhar também ao cenário econômico. Tradicionalmente os analistas experimentais do comportamento se direcionam à academia, por questões óbvias, pois é onde tem trabalho para eles. No entanto, a tendência é haver redução de vagas em universidades nos próximos anos, então teremos um volume crescente de analistas

experimentais procurando trabalho. Acaba que uma alternativa para estes profissionais pode ser empreender. Assim, desenvolver soluções comportamentais ou aliar nosso conhecimento com profissionais de outras áreas é um caminho para ampliar as possibilidades de mercado para nosso campo. Particularmente temos um campo pouquíssimo explorado (ao meu ver) de nos aliar a desenvolvedores de softwares tanto no sentido de uso para intervenções como em serviços de avaliar a interação do usuário com o programa. Aliás, todo o campo de design industrial tem a se beneficiar com analista do comportamento atuando na interação homem-produto. Temos que fortalecer as áreas de atuação tradicionais, sim. Mas enquanto nos prendermos à rigidez de áreas e à demarcação delas pelo local de atuação que domina os cursos de Psicologia, estamos perdendo potenciais profissionais inovadores em outros campos.

Toda essa discussão nos faz voltar à questão de formação nos cursos de Psicologia. Tem ocorrido o fechamento de laboratórios didáticos por todo o país e a substituição por ferramentas que não treinam efetivamente em método experimental. Isso é extremamente danoso para a formação do psicólogo de um modo geral e particularmente destruidor para a formação do analista do comportamento. Um caminho é o desenvolvimento de ferramentas e metodologias de ensino que consiga suprir o treino destas competências.

**8. Ficou claro nessa entrevista que você já tem uma longa carreira de dedicação e contribuições para a AC. Para muitos jovens (eu incluso), sua trajetória mostra como é possível a pós-graduandos com ênfase em AC planejar uma carreira para além das universidades. Considerando que estamos em um momento de mudanças, de inovação e de estabelecimento de novas práticas culturais com**

**respeito a atuação de analistas do comportamento, que conselhos você teria para um recém-formado em Psicologia com interesse em AC?**

Um primeiro conselho é buscar continuar se capacitando em Análise do Comportamento. Infelizmente a formação em AC nos cursos de graduação é insuficiente para uma boa atuação profissional. As disciplinas de AEC, de um modo geral, param em princípios básicos e raramente aportam temas avançados como comportamento social, comportamento verbal ou equivalência de estímulos, apenas para citar alguns exemplos. Nesse sentido, o ideal é buscar realizar algum curso de pós-graduação na área, seja *latu sensu* ou *strictu sensu*. Nem sempre o aluno tem condições, sejam materiais ou não, para realizar um curso de pós-graduação. Outras alternativas pode ser atuar junto a profissionais mais experientes que possam dar supervisão ao recém-formado para que

ele aprenda em modelo de tutoria com este outro profissional. Realizamos esse segundo modelo na Imagine. Uma vez que no Ceará não temos centro de formação em Análise do Comportamento, tendemos a trabalhar com profissionais novos e buscamos capacitá-los, mantendo supervisões semanais individuais e em grupo além de um grupo de estudo semanal. No fim, garantimos cinco horas semanais aos profissionais de atividades de supervisão/capacitação. Entendemos que precisamos fazer isso para garantir a qualidade do trabalho e acabamos contribuindo para a formação profissional deles.

Além disso, a participação em eventos científicos da área é importante, pois coloca o profissional em contato com outros, potencialmente levando a troca de experiências, conhecimento e pode levar a formação de parcerias de trabalho. Por fim, é importante se manter atualizado em relação à literatura da área. Assim, é bom pro profissional

ficar atento aos volumes que vão sendo publicados dos periódicos da área, que é onde se encontram as informações mais recentes sobre novos desenvolvimentos.

Por fim, eu aconselho experimentar. Tentar caminhos novos, coisas novas. Existe uma forma de executar um trabalho, e se eu modificar um pouco? Como posso oferecer meu serviço de algum modo distinto? Claro que, ao pensar em novos caminhos, isso deve vir acompanhado do profissional pesquisar sobre suas ideias para desenvolvê-las de modo que seja sustentado pelo conhecimento da área. Por mais que achemos nossas ideias super novas, quase sempre alguém já pensou nisso ou fez algo parecido, então vale a pena procurar. Apenas acho que trabalhar com modelos fechados ou enrijecidos é um péssimo caminho. Hoje em dia ouço profissionais falando sobre a forma “certa de fazer” A ou B. Em geral são profissionais vendendo seu próprio peixe. Via de regra, AC não funciona

como pacotes fechados de intervenções sendo o “certo”, mas temos um leque amplo de procedimentos e de tecnologia que podem ser recombina- dos de infinitos novos para lidar com situações diferentes e problemas novos. Achar que você já faz da forma “certa” é o caminho do fracasso. Sempre temos como melhorar ou aprimorar algo que fazemos. Sempre.

***“A participação em eventos científicos da área é importante, pois coloca o profissional em contato com outros, potencialmente levando a troca de experiências, conhecimento e pode levar a formação de parcerias de trabalho.”***

**9. Pra finalizar nossa entrevista, o que você acha que é o futuro (que já se delineia no presente) da área? Qual o papel do pesquisador básico e aplicado nisso? Qual o papel das pós-graduações? E o papel do mercado?**

Eu acho que a Análise do Comportamento pode ter um futuro promissor. Nossa ciência tem sólida base científica e cada vez mais temos nos preocupado que nossas práticas tenham evidência de eficácia. Um dos nossos grandes desafios vejo que está na formação do analista do comportamento. O aumento de popularidade da área tem feito com que cursos de AC proliferassem, nem sempre com qualidade garantida. Precisamos pensar em formas de buscar garantir qualidade mínima destes cursos. Além disso, vejo que temos muita oportunidade de nos aproximar com profissionais de outros campos e devemos nos esforçar para isso. Aliás, vejo que conseguimos um melhor diálogo com

profissionais de outras áreas, que muitas vezes nos ouve e entende, do que com outros psicólogos. Vejo que os debates de analistas do comportamento com a comunidade psicológica são basicamente os mesmos há décadas e não evoluem muito. Precisamos buscar nos aproximar de quem tem mais disposição de dialogar conosco.

Vejo que os pesquisadores básicos e aplicados têm papel importante nesses tópicos. Primeiro que estes pesquisadores tendem a ser os mais atualizados em suas áreas e tem papel importante na formação de analistas do comportamento. Acho que um ponto importante para formação seria trabalhar com a noção de que pesquisa básica e aplicada não devem ser opostos, mas sim complementares. Eu defendo que a formação do analista do comportamento TEM QUE TER capacitação em pesquisa básica, aplicada e teórica. Formação em competências de pesquisa forma bons

profissionais, mesmo que estes não almejem o meio acadêmico. Os melhores terapeutas analítico-comportamentais tendem a ter também experiência com pesquisa básica. O papel do formador é não ceder ao lado do aluno de falar “ah, mas eu gosto mesmo é de X então vou focar direto nisso”, pois esse é o caminho para um profissional enrijecido e pouco criativo para planejar novas soluções de problemas. Em relação ao diálogo com outras áreas, os pesquisadores básicos e aplicados têm papel importante nesse diálogo para propiciar desenvolvimento de tecnologia. Sei de alguns grupos da UFSCAR que trabalham em parceria com pesquisadores da ciência da computação e eles tem desenvolvido materiais incríveis. O desenvolvimento de tecnologia de alto impacto tende a ser interdisciplinar, e se entendermos que uma ciência do comportamento é naturalmente interdisciplinar, uma vez que comportamento é de certo modo estudado e trabalhado por disciplinas diversas, a busca

por desenvolvimentos com profissionais de outras áreas deveria ser natural.

As pós-graduações são talvez um dos pontos mais importantes para os dois tópicos abordados. Tanto no quesito de formação do analista do comportamento, uma vez que formação mesmo em Análise do Comportamento se dá em nível de pós-graduação, como na produção de tecnologia, que no Brasil é essencialmente feito nos programas de pós-graduação. Quem mais produz conhecimento e tecnologia no Brasil são pós-graduandos atuando em grupos comandados por pesquisadores mais experientes.

Quanto ao mercado, creio que se pensarmos no desenvolvimento sustentável de uma ciência, ela também precisa de inserção no mercado. Institutos de pesquisa independentes das universidades são saudáveis para o desenvolvimento científico, uma vez que multiplica possibilidades de pesquisadores

puderem continuar atuando como tal. Além do mais, vejo que uma maior inserção de analistas do comportamento no mercado de trabalho, em mais áreas de atuação, e de preferência explorando aqueles campos que a Psicologia tende a não explorar, é extremamente frutífero para a AC. No mercado, em geral se foca se o trabalho daquele cientista resolve um problema particular e o crescimento de uma área tende a estar mais relacionado à capacidade de resolução de problemas do que ficar remoendo as mesmas discussões filosóficas de um século atrás. Não convenceremos de que a AC é algo que rende bons frutos discutindo com psicólogos, mas mostrando nossos resultados. Com um adendo, e isso pode soar estranho vindo de uma pessoa que atua no mercado. Não podemos deixar o mercado tomar a dianteira nos rumos de nossa área. Devemos buscar alinhar o sistema de pós-graduação, as associações científicas de Análise do Comportamento e os profissionais que atuam

no mercado de modo que possamos propiciar crescimento sustentável da área. Se deixarmos que o interesse de mercado tome a dianteira, a tendência é que pesquisa básica com foco em produção de conhecimento não imediatamente aplicável se reduza, e isso não é saudável para o desenvolvimento da área. Nos EUA, em ocasião do grande crescimento do mercado de ABA para autismo, tem havido um movimento para que ABA se tornasse uma ciência independente, o que acho um tiro no pé. A efetividade da ABA ocorre em função de todo o conhecimento em AEC. Desvincular os dois tende a ser uma ruína para a área. E esse movimento se iniciou por pressão de mercado. As pessoas têm que entender que Análise do Comportamento É um campo composto por suas pesquisas experimentais, aplicadas, desenvolvimentos teóricos e intervenções. O desmembramento leva a problemas sérios. Por exemplo, o principal manual de Análise do Comportamento Aplicada usado, escrito por

profissionais respeitados e de fato um livro fantástico, apresenta erros conceituais relativamente básicos, o que passa batido se o profissional não tem uma formação ampla.

Desse modo reitero, o desenvolvimento da área depende da integração dos programas de pós-graduação, das associações científicas e dos institutos e profissionais diretamente ligados ao mercado, e de modo equilibrado.

***“Se deixarmos que o interesse de mercado tome a dianteira, a tendência é que pesquisa básica com foco em produção de conhecimento não imediatamente aplicável se reduza, e isso não é saudável para o desenvolvimento da área.”***

## 10. Algum comentário final?

Um ponto que não foi abordado na entrevista, mas que gostaria de comentar é a inserção de analistas do comportamento em políticas públicas. Esse também é um ponto extremamente relevante tanto para o desenvolvimento da área como para levar nosso conhecimento para ajudar pessoas a nível populacional. Há iniciativas muito boas sendo realizadas, particularmente algumas realizadas pelo pessoal da UnB (o trabalho de doutorado, ainda em andamento, da [Roberta Lemos](#) é fantástico nessa linha). Creio que precisamos entrar mais nesse ponto e tenho percebido isso cada vez mais na experiência na ABPMC. Como citado anteriormente, temos entrado no apoio a famílias em disputas com planos de saúde. No fim, a cobertura adequada dos planos à Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo pelos planos é apenas uma parte do problema. Precisamos que esse serviço também entre no SUS. Estamos trabalhando nessa direção

aqui em Fortaleza; em São Luiz a Flávia Bacelar conseguiu montar um serviço público de ABA para autismo que tem funcionado. Além disso, temos muita contribuição para auxiliar na educação regular, políticas para usuários de drogas, gestão pública (e nesse campo destaco um trabalho do Thiago Costa e do Aécio Borba da UFPA de implantação de gestão por competências de base analítico-comportamento de órgãos públicos por todo o Brasil). Temos muito a contribuir no setor público e ao público em um sentido mais amplo, o qual nunca conseguiremos se nosso foco sempre for ajudar indivíduo por indivíduo em nossos consultórios.

Finalizo agradecendo o espaço e o trabalho de vocês na condução do Boletim Contexto. O funcionamento da ABPMC depende de grupo de voluntários que carinhosamente dedicam tempo para que possamos desenvolver ações e projeto para que nossa área sobreviva. Nós da Diretoria Executiva gerimos, mas quem

realiza as ações são vocês que estão nas Comissões e esse trabalho precisa ser amplamente reconhecido. Parabéns!

## Referências

- Glenn, S. (2015). Comportamento individual, cultura e mudança social. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11, 208-222. doi: 10.18542/rebac.v11i2.4015. Originalmente publicado em inglês como Glenn, S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27 (2), 133-151.
- Martins, J. C. T. & Leite, F. L. (2016). Metacontingências e Macrocontingências: Revisão de pesquisas experimentais brasileiras. *Acta Comportamentalia*, 24, 453-469.
- Sampaio, A. A. S. & Leite, F. L. (2015). O estudo da cultura pela Análise do Comportamento e a obra de Sigrid Glenn. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11, 203-207. doi: 10.18542/rebac.v11i2.4014

*A depressão como fenômeno cultural na sociedade pós-moderna. Parte 1: um ensaio analítico comportamental dos nossos tempos*

---

*Renato Almeida Molina*

A resenha a seguir foi escrita pelo Professor **Renato Almeida Molina** a convite do Boletim Contexto. Renato Molina é mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Psicólogo na SEJUDH – Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado de Mato Grosso e Psicólogo Clínico.

A obra é distribuída gratuitamente e pode ser baixada [aqui](#).

A obra aqui apresentada ilustra de modo linear a relação entre contingências dos nossos tempos e o modo como estas contribuem para o desenvolvimento e propagação do Transtorno Depressivo Maior (TDM) entre membros de sociedades capitalistas industrializadas, tecnológicas, com alta demanda por produtividade e com valores cada vez mais calcados nas imagens. A sequência escolhida pelos autores permite a compreensão da relação proposta de modo claro, passando pela exibição de critérios diagnósticos e

epidemiológicos; explorando aspectos conceituais e empíricos pelos quais a análise do comportamento propõe a compreensão do fenômeno depressivo; visitando diferentes épocas de modo a permitir a compreensão da alteração das contingências em um percurso histórico (sociedade pré-moderna, moderna e pós-moderna) que, ao que se revela, tem contribuído para o aumento da incidência do Transtorno Depressivo Maior.

A introdução do texto é elucidativa em revelar a dimensão do problema explorado pelos autores. Passando em princípio por critérios diagnósticos – de modo a diferenciar o TDM de outras desordens ou mesmo de situações passageiras –, exploram adiante dados estatísticos e epidemiológicos que acendem o alerta: o *Global Burden of Diseases, Injuries and Risk Factors Study*(GBD) apresentou a ascensão do TDM do 4º lugar (1990) para o 2º lugar (2010) como doença responsável pela perda de um ano de vida saudável. Indicativos



sobre uma e ainda os prejuízos econômicos causados pela doença são apresentados.

O capítulo seguinte envolve a análise de aspectos conceituais e empíricos da depressão sob o enfoque da análise do comportamento. Capítulo crucial para os interessados na abordagem – para os quais o livro é naturalmente dirigido, como destacado em seu título –, pode ser o único que cause algum desconforto para os não familiarizados com a área, especialmente nos trechos relacionados ao comportamento verbal, equivalência de estímulos e teoria das molduras relacionais. Esse alerta só é feito aqui por se acreditar na relevância da obra mesmo para aqueles não conhecedores da análise do comportamento. A exploração de aspectos conceituais e empíricos passa por: Ferster (1973) e a ideia de que a baixa densidade de estímulos reforçadores positivos seria responsável por características do diagnóstico de TDM; Lewinsohn e colaboradores, em

sugestão de que o modelo deprimido seria resultado de uma baixa densidade de reforçadores positivos contingentes às respostas, ou seja, pelos reforçadores disponíveis não serem produzidos pelas respostas emitidas pelos sujeitos; Kanter, Cautilli, Busch e Baruch são apresentados com a ideia de uma diminuição no responder devido a erosão do reforçamento – deixando claro que esse conceito ainda necessita de pesquisas experimentais –, processo pelo qual estímulos reforçadores deixam de ter essa função ao longo do tempo por habituação ou saciação.

Além das consequências do responder, os autores ainda buscam aspectos relacionados ao controle por estímulos e ao comportamento verbal para elucidarem a compreensão do padrão comportamental deprimido. Retomando Lewinsohn e colaboradores, indicam a indisponibilidade de reforçadores devido a mudanças ambientais como fator determinante para a depressão. Essa “perda de ambiente”

(estímulos discriminativos) pode ser entendida em contextos variados, como a perda de um parceiro ou parceira, de amigos, de emprego, além de inúmeras outras.

Antes de seus apontamentos sobre o comportamento verbal e suas possíveis relações com a depressão, os autores ainda consideram o repertório comportamental do indivíduo para obtenção de reforçadores em diferentes ocasiões, sendo apontados o estabelecimento de relações interpessoais e a capacidade de modificar situações específicas como fatores críticos em relação a este ponto. A relação entre comportamento verbal e depressão se inicia pela avaliação de extremos: o excesso ou déficit de comportamentos governados por regras. Enquanto o déficit pode dificultar o autocontrole e a capacidade de resolução de problemas, o excesso pode ocasionar alguma insensibilidade diante das mudanças de contingências. Para além destes pontos, a teoria de equivalência de estímulos e

a teoria das molduras relacionais são apresentadas como modo de ampliação da gama de situações que contribuem para instalação e manutenção do quadro depressivo, o que ocorreria por meio do fenômeno da transferência e transformação da função dos estímulos. Em conjunto, isso pode promover uma baixa frequência de respostas ou ainda respostas que não produzam reforçadores, combinando assim elementos que favorecem o surgimento do TDM.

A imersão nas bases empíricas para a compreensão do fenômeno da depressão continua ainda neste capítulo com a explanação de alguns modelos experimentais de psicopatologia, sendo os seguintes escolhidos pelos autores: estresse crônico moderado; desamparo aprendido; separação e derrota social. No primeiro caso, estressores de baixa intensidade são apresentados por um período prolongado de tempo. O resultado revela uma série de sintomas comumente vivenciados em

quadros depressivos, como: anedonia, diminuição da atividade locomotora, perda de peso, alterações de sono, entre outros. O desamparo aprendido se refere a um procedimento que expõe o sujeito experimental a eventos aversivos (choques) incontrolláveis. Nesse caso, o grupo exposto previamente a condição de incontrollabilidade não aprende a resposta de fuga, de modo a não estabelecerem uma relação direta entre suas ações e as mudanças ambientais, algo equivalente à passividade e desesperança na depressão em humanos. No modelo experimental de separação, macacos filhotes são isolados temporariamente de sua mãe e de outros macacos adultos em seu meio social. A resposta típica para este modelo é a apatia e mesmo no retorno ao convívio social o comportamento pode se manter com diminuição na atividade locomotora, na exploração do ambiente e no convívio social com outros membros do bando, um conjunto que se assemelha ao isolamento social apresentado em humanos com TDM. Por fim, o modelo

de derrota social traz uma condição na qual um rato é introduzido no ambiente de outro rato maior e de uma cepa com maior nível de agressão. Nessa situação, o rato menor será facilmente derrotado pelo rato maior, residente. Essa mesma condição será aplicada por alguns dias ou mais. Os resultados comportamentais revelam anedonia, diminuição da atividade locomotora, no comportamento exploratório e de cópula, entre outros.

Com o título de Depressão e Cultura – um diagnóstico de nossa época, os autores situam a pós-modernidade como iniciada a partir do último quarto do Séc. XX. De modo cuidadoso, se preocupam em explorar a passagem entre épocas, pré-modernidade e modernidade, descortinando sua interpretação de como esta última estabeleceu novo arranjo de contingências sociais e, conseqüentemente, para a emergência de uma nova noção de indivíduo. De pronto, vale o destaque para a abertura de diálogo realizada

pelos autores entre a análise do comportamento e outras áreas, como a filosofia, ciências sociais e psiquiatria. É certo que esta abertura ao diálogo contribui para o enriquecimento da análise interpretativa feita pelos autores, bem como leva a análise do comportamento ao contato com outras áreas, com as quais também pode contribuir.

Sobre a pré-modernidade o destaque se dá à condição na qual a sobrevivência de cada indivíduo encontrava-se relacionada, em todos os sentidos, à sobrevivência dos outros. O enfoque sobre as necessidades coletivas

tornava os objetivos do indivíduo e do grupo como aspectos comuns ao outro, a cooperação era fator determinante para a sobrevivência de todos e, conseqüentemente, de cada um. O coletivo é sobreposto ao individual. É ainda relevante para o texto o fato de que neste período não se distingue, de modo específico, uma noção de infância, sendo as crianças envolvidas em tarefas cotidianas equivalentes àquelas exercidas pelos adultos. Outra importante diferença se refere ao controle exercido pelo tempo. Seu controle nas sociedades feudais se dava pelos ciclos da natureza: plantio-colheita; claro-escuro.

A transição entre pré-modernidade e modernidade é elaborada em torno de alguns eixos centrais: transformações nas tecnologias agrícolas e nos meios de transporte, aumento da produtividade, gerando excedentes que poderiam ser comercializados, o crescimento populacional e urbano, surgimento de uma nova classe social – a burguesia – possível em função da monetarização das funções econômicas e atividades produtivas. A busca crescente por lucros e o fortalecimento das relações de mercado surgem amparadas por uma ética protestante, que sustentou ideologicamente o acúmulo de capital. Nessa transição, as bases coletivas que ampararam o modo de vida feudal começam a ruir, dando espaço ao individualismo que chegaria a seu ápice na pós-modernidade. A modernidade pode ser situada no período de consolidação do modelo capitalista de produção, sendo a revolução industrial do Séc. XVIII seu marco principal. A ampliação administrativa dos espaços e o controle do tempo são alterações ambientais desse período. Com

***“De modo cuidadoso, [os autores] se preocupam em explorar a passagem entre épocas, pré-modernidade e modernidade, descortinando sua interpretação de como esta última estabeleceu novo arranjo de contingências sociais e, conseqüentemente, para a emergência de uma nova noção de indivíduo.”***

relações já não mais pautadas em um grupo social restrito e de atitude coletiva, os indivíduos nas sociedades modernas passaram a experimentar uma condição de autonomia e independência em relação aos demais. As noções de ‘eu interior’, ‘eu verdadeiro’, independente da sociedade já estão com suas bases constituídas. Estes fatores vieram acompanhados da promoção e refinamento do autocontrole individual, do surgimento de uma concepção de interioridade de sentimentos e pensamentos e de uma maior restrição à impulsividade. O tempo cotidiano agora passava a ser pautado pela produção, quando parte do tempo passa a ser expropriada do trabalhador. É tempo para aceleração e acúmulo de capital. A noção de infância é aqui constituída com a separação do convívio com os adultos e o encaminhamento para a escola como forma de socialização. Destaca-se ainda, como fator importante de análise, o surgimento de outra construção social desta derivada: a adolescência. A expansão da espera para o ingresso na vida adulta

teve como justificativa as funções sociais cada vez mais complexas da vida adulta na sociedade capitalista-industrial. No entendimento dos autores, essa longa espera parece ser relevante para a compreensão dos valores da cultura contemporânea e suas relações com a produção da depressão. Fundamentalmente, a modernidade cultivou sobre diversas bases a concepção de indivíduo autônomo, com nuances de subjetividade e interioridade não contemplados em períodos anteriores.

Já são possíveis as relações entre modernidade (antecipando o período considerado crítico para os autores) e depressão. Emprestados da obra de Ferreira e Tourinho (2011), dois fatores são sugeridos: a distância entre os períodos de infância e adolescência com relação às demandas da vida adulta, tendo em vista a ausência da prática deste repertório por períodos prolongados; a necessidade de tomar decisões de modo autônomo diante de uma ampla gama de possibilidades de

consumo e cursos de vida. Lidar com o peso das renúncias feitas e do êxito ou fracasso das escolhas diante de um contexto que valoriza e apregoa a independência tem seu custo. A relação entre modernidade e depressão traz ainda a análise do artigo de B. F. Skinner (1986), “O que há de errado com a vida cotidiana no mundo ocidental? ”, que revela a contribuição extemporânea já conhecida deste autor.

Finalmente, a passagem à pós-modernidade é anunciada com base em dois eixos principais: a globalização econômica e a interligação de mercados e culturas através do desenvolvimento das telecomunicações e das tecnologias de informação. Essa combinação aumentou de modo exponencial a experiência temporal individual e coletiva, exigindo que volumes cada vez mais abundantes de informação sejam consumidos e compartilhados, o que acelerou ainda mais a execução das tarefas cotidianas. Os autores alertam

que na sociedade da produtividade, o tempo economizado passou a ser preenchido com mais tarefas e não com o ócio. Aspectos já relevantes para a compreensão da depressão na modernidade, como a dificuldade em parar e não fazer nada e a urgência em aproveitar o tempo, são elevados em níveis jamais vistos no tempo da informação instantânea, de modo que o não envolvimento em repertórios semelhantes produzam, como nunca, sentimento de culpa, inferioridade e inadequação social, todos potencialmente associados à depressão. Nesse funcionamento em taxas sempre elevadas, o estresse crônico moderado aparece como um primeiro modelo experimental de amparo para a relação sociedade pós-moderna e depressão.

A partir deste ponto, diálogos interessantes com o Sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017) e com o escritor francês Guy Debord (1931-1994), são estabelecidos. Os conceitos de modernidade líquida (Bauman) e sociedade do

espetáculo (Debord), passam a constituir elemento central do escopo de análise dos autores. A “tradução” dos termos propostos pelos autores para termos comportamentais é relevante: a sociedade do espetáculo, que transforma imagem em mercadoria de consumo passa a ser entendida como um conjunto de práticas culturais exercidas pela mídia e propaganda, que têm como objetivo estabelecer relações arbitrarias (equivalência de estímulos e teoria das molduras relacionais) entre determinadas mercadorias e outros reforçadores já estabelecidos na cultura moderna. Nessa relação arbitrária, é o comportamento de consumir aquela imagem que está sendo reforçado e não as propriedades inerentes ao uso daquele produto. Trata-se de momento, posterior ao estabelecimento da sociedade industrial, quando a produção excede as necessidades de consumo, sendo necessário, portanto, que o comportamento de consumir se estabeleça em frequência capaz de atender à produção da indústria. O realce indica que a cultura de massa estabelece

e divulga que as aparências exercem controle sobre as pessoas, sendo o consumidor esteticamente sensível e sofisticado valorizado e detentor de status social, ou seja, reforçado por seus pares por este padrão de comportamento. O consumo como questão de identidade e subjetividade do sujeito pós-moderno se revela como variável central para compreender a produção social da depressão. A relação explícita entre a depressão e a sociedade pós-moderna evidencia, até certo ponto, de modo doloroso o caráter determinista-externalista da análise do comportamento. As contingências de competição, consumo e de caráter hedonista ensinam aos membros desta cultura a sentirem e perceberem seu valor pessoal a partir da comparação incessante entre seus atributos pessoais e aqueles que compõem o ideal das imagens e do espetáculo. A armadilha está na comparação com padrões não alcançáveis, muitas vezes de modo independente da quantidade ou qualidade das respostas emitidas. Nessa comparação, quase sempre o

indivíduo é o único derrotado, pois desta insatisfação depende a operação que mantém a roda funcionando: mais consumo, mais comparações, mais buscas por adequação, mais insatisfação, e a roda retornando ao mesmo ponto. O responder relacional estabelece relações arbitrárias de modo a produzir comparações que impõe ao indivíduo uma condição sempre aquém dos padrões com os quais se compara. Na contingência em que busca atender aos padrões de renda e consumo o tempo é cada vez mais orientado para a obtenção do lucro como reforçador condicionado para as trocas, no entanto, esse nunca é suficiente, pois há sempre mais a ser consumido e “bem vivido”. Com isso, diminuem os repertórios que viabilizam contato direto com reforçadores de respostas, como contato familiar, afetivo-amoroso e com núcleo social próximo (amigos). A baixa densidade de reforço por contato afetivo e as restrições nas fontes de reforçamento também despontam como variáveis críticas na produção da depressão. Há certa crueldade na

cultura hedonista que cobra beleza, juventude e felicidade como padrões de normalidade, indicando, por equivalência, que a vida deve ser vivida de modo eternamente jovem, eufórico e constantemente feliz. Por conseguinte, o contrário deveria ser evitado: o envelhecimento e o sofrimento apresentados como anormalidade, devendo ser evitados a todo custo, seja por esquivas emocionais ou de qualquer natureza, como medicalização e consumo. O processo natural – envelhecer e ter momentos de tristeza – tornado antinatural: derradeira armadilha pós-moderna.

A obra é instigante, dialógica dentro da psicologia e ainda com outras áreas de conhecimento, angustiante em um ponto no qual parece ser inevitável que o leitor se visualize em diferentes momentos durante a leitura, mas acima de tudo linear e coerente em suas análises. Tê-la chamado de ‘parte I’ foi uma excelente operação estabelecida para aquilo que está prometido para a parte II: o

foco em programas inovadores e de intervenção que possam contribuir como alternativas de produção de saúde mental. A depender da qualidade desta primeira parte, a segunda certamente valerá a pena!

NICO, Y.; LEONARDI, J. L.; ZEGGIO, L. *A depressão como fenômeno cultural na sociedade pós-moderna. Parte 1: um ensaio analítico comportamental dos nossos tempos*. São Paulo, 2016.

## Referências

FERREIRA, D. C. & TOURINHO, E. Z. *Relações entre depressão e contingências culturais nas sociedades modernas: Interpretação analítico-comportamental*. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*, 13, 20-36, 2011.

SKINNER, B. F. *What is wrong with daily life in the Western world?* *American Psychologist*, 41, 568 – 574, 1986.